

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

Padrões de Relacionamento entre Irmãos

Dissertação de Mestrado em Psicologia

Área de Especialização em Psicologia da Educação

Sophie Élodie Fachada

***Orientadoras:* Professora Doutora Otilia Monteiro Fernandes**

Professora Doutora Inês Carvalho Relva



Vila Real, 2015

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

Padrões de Relacionamento entre Irmãos

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação

Sophie Élodie Fachada

Dissertação submetida à Universidade de
Trás-os-Montes e Alto Douro como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia da Educação, em janeiro de 2015.



Vila Real, 2015

Agradecimentos

Ao refletir e recordar os que me apoiaram, procurando traduzir por escrito o que sinto neste momento, as palavras parecem poucas e triviais. Não posso, no entanto, deixar de expressar a minha gratidão a todos os que, de diferentes maneiras, contribuíram para que hoje me sinta orgulhosa por ter conseguido chegar até aqui. Não posso deixar de mencionar todas as pessoas especiais que me acompanharam neste percurso, que nem sempre se mostrou uma tarefa fácil.

As minhas primeiras palavras são dirigidas à minha família, especialmente à “Fininha”, a quem dedico este trabalho. Pela sua coragem e determinação para fazer face a mais um desafio e controvérsia da vida, inspirou-me e constituiu-se como um incentivo fulcral para me lançar e enfrentar arduamente este desafio. És uma grande Mulher, és o meu modelo!

À minha princesa Mégui, pela compreensão e paciência com que ouviu todas as minhas queixas de exaustão, com a promessa de compensar todos os momentos em que estive menos presente.

A todos os meus amigos que, de uma forma direta ou indireta, ajudaram neste percurso, com um especial obrigado à família Nogueira pelas gargalhadas e sorrisos que me aqueceram o coração e me deram forças para continuar; à Teresinha, em particular, pela ajuda e simpatia com que me acolheu. Não tendo ainda perdido a esperança de a vencer no UNO.

Quero também agradecer àquele que tem estado incondicionalmente ao meu lado: o Bruno. Agradeço-te cada dia e cada palavra de amor e incentivo. Acima de tudo um obrigado por respeitares quem sou e por fazeres teus os meus projetos... por ser o meu refúgio e porto seguro Por tudo o que és...

Às Professoras Inês Carvalho Relva e Otilia Monteiro Fernandes pelo rigor nas suas análises e sugestões e pela compreensão e disponibilidade manifestadas ao longo deste percurso.

Aos Agrupamentos de Escolas, pela ajuda na recolha dos dados e, sobretudo, pela disponibilidade, confiança e segurança depositadas para levar este projeto a bom porto.

Ao Universo, por ter colocado no meu caminho estas pessoas.

A todos o meu sincero bem haja.

"Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."

Antoine de Saint-Exupéry

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
Artigo 1: O papel preditor da vinculação ao pai e à mãe na violência fraterna	
The predictor role of attachment to father and mother on sibling violence.....	2
Artigo 2: Violência fraterna: O papel da vinculação aos pares	
Sibling violence: The role of attachment to peers.....	39
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	70

INTRODUÇÃO

A violência no seio familiar é um fenômeno cada vez mais comum e com algum destaque na mediatização e foco científico. Porém, são escassas as investigações e interesse dos média sobre a violência exercida pelos próprios irmãos, apesar da importância que o subsistema fraternal assume no sistema familiar (Fernandes, 2002).

Perante as mudanças que se verificam atualmente na estrutura familiar em que o laço conjugal se torna cada vez mais precário e, conseqüentemente, surge numa emergente redução das fratrias, os irmãos representam figuras únicas, estáveis e cruciais, com forte influência em variadíssimos aspetos do desenvolvimento social, emocional e cognitivo de cada indivíduo (Cate & Loots, 2000).

A presente investigação teve como principal objetivo aprofundar conhecimentos na dimensão da vinculação na adolescência e da violência fraterna e está expressa nos dois artigos que se seguem: o primeiro, intitulado *o papel preditor da vinculação ao pai e à mãe na violência fraterna*, e o segundo, *violência fraterna: o papel da vinculação aos pares*.

Artigo 1: O papel preditor da vinculação ao pai e à mãe na violência fraterna

The predictor role of attachment to father and mother on sibling violence

Resumo

As relações interpessoais, modeladas pelas primeiras experiências de vinculação com os progenitores, ditam a construção de um ego que se revele forte e capaz de enfrentar adversidades. Na adolescência, apesar da construção da identidade e a procura de autonomia constituírem-se processos complementares e reivindicarem um distanciamento relativamente às primeiras figuras de vinculação, a manutenção da qualidade da relação parental continua a constituir um fator de relevância para a edificação da identidade. Por outro lado, as relações que se estabelecem entre os irmãos são fundamentais, uma vez que partilham uma história de vida, sendo marcadas por uma enorme variedade e intensidade de emoções. Perante isto, o enfoque deste trabalho foi avaliar a vinculação às figuras parentais na qualidade da relação entre irmãos, nomeadamente quando ocorre violência na fratria. A amostra compreendeu 200 jovens do ensino secundário com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos. A recolha de dados efetivou-se com a aplicação de um questionário Sociobiográfico, do *Inventory of Parent and Peer Attachment* e das *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version*. A análise estatística dos resultados evidenciou a relevância do estabelecimento de um vínculo seguro com a figura materna (através da comunicação) como preditor para uma relação fraterna positiva, essencialmente no que diz respeito à capacidade de negociação face aos conflitos fraternos. Concomitante, uma relação de vinculação insegura, marcada por sentimentos de alienação, tende a predizer a perpetração de violência na relação fraterna. Contrariamente à literatura, não foram encontrados diferenças quanto ao género dos sujeitos.

Palavras-chave: vinculação, pai, mãe, violência fraterna, alienação, comunicação.

Abstract

The interpersonal relationships, resulted from the first linking experiences with the parents, are crucial in the construction of an ego that proves be strong and able to face adversity. Despite the construction of identity as well as the search of autonomy be complementary processes and claim a detachment from the first attachment figures, the maintenance of high levels of parental relationship, may provide great improvements in the construction of the identity. However, the relations between siblings seem to be fundamental, since they share a life story, marked by a huge variety and intensity of emotions. This study aimed to evaluate the binding to parental figures, as the sibling relationship, including through the occurrence of aggression in the dyad. 200 youngsters, aged between 11 and 16 years old, participated in the study. Data was collected using the socio biographical questionnaire, the Inventory of Parent and Peer Attachment and the Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version. The results of this study showed the relevance of establishing a secure bond with the mother figure (through communication) as a predictor for a positive sibling relationship, mainly with the resolution of conflicts using the negotiation. Similarly, a relationship characterized by insecurity and feelings of alienation, seems to predict the perpetration of violence in fraternal relationship. In contrast to the recent investigation, our results do not find differences in the gender of the subjects.

Keywords: attachment, father, mother, sibling violence, alienation, communication.

Introdução

Desde meados do século XX, que o interesse pelo estudo acerca da temática da vinculação se intensificou, essencialmente com o contributo da teoria da vinculação, que postula a existência de uma necessidade humana universal em estabelecer e manter ligações afetivas de proximidade com figuras significativas (Ainsworth, 1994).

Para Bowlby (1988), as experiências de vinculação na infância são internalizadas em modelos dinâmicos que incluem as expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo relacional. Enquanto o modelo do *self* está associado ao grau de ansiedade e dependência, o modelo do outro e as relações proximais associam-se ao grau de responsividade e de disponibilidade ou evitamento dos outros. Estes modelos internos, embora dinâmicos, são constantes ao longo da vida e poderão, portanto, ter um efeito modelador nas cognições, nos afetos e nos comportamentos nas relações interpessoais futuras.

Ainsworth (1994) foi pioneira na explicação do recurso a uma figura de vinculação como uma base segura, a partir da qual a criança pode explorar o mundo, estabelecendo a ponte entre sistemas de vinculação (manutenção de proximidade) e de exploração (obtenção de segurança promotora da exploração). Nesse sentido, a figura de vinculação pode ser percebida como base segura e/ou como porto seguro. Quando a criança procura explorar objectos e pessoas na presença da figura de vinculação, utiliza esta última como uma base segura, a partir da qual descobre o mundo (Ainsworth, 1994). Por outro lado, sempre que uma ameaça é percebida, principalmente face à separação, a criança procura apoio e segurança, recorrendo ao cuidador como porto seguro para obter conforto (Madigan, et al., 2006). O equilíbrio dinâmico entre estes dois padrões comportamentais garante a sobrevivência e traz vantagens ao nível do desenvolvimento (Matos & Costa, 1996).

Assim, Ainsworth (1994) define dois padrões de vinculação que o indivíduo poderá desenvolver com as figuras cuidadoras: vinculação segura ou insegura. Segundo a mesma autora, um padrão de vinculação segura implica que as crianças apresentem maiores níveis de confiança construídos a partir de experiências anteriores, que, quando positivas, permitem a construção de um ego forte, capaz de preservar a integridade e a autorregulação mesmo perante adversidades. Por sua vez, um padrão de vinculação inseguro pressupõe maiores índices de retração perante a exploração do mundo, em que a criança percebe uma certa indisponibilidade da parte dos significativos com comprometimento nas tentativas de aproximação (Ainsworth, 1994). A fim de se promover uma vinculação segura é primordial que exista sensibilidade e disponibilidade da parte da figura de vinculação para responder às necessidades de proximidade e de segurança da criança, tanto em termos físicos como em termos emocionais (Matos & Costa, 1996).

Vinculação na adolescência

A adolescência, que atualmente parece iniciar-se mais cedo e terminar mais tarde (Arnett, 2001), tornou-se, enquanto período de desenvolvimento, alvo de uma atenção privilegiada por parte da comunidade científica e do público em geral. Este interesse tem originado enviesamentos na divulgação não-científica que tendem com frequência a salientar essencialmente as alterações comportamentais, nomeadamente os comportamentos antissociais ou associar esta fase a graves conflitos familiares (Alarcão, 1999).

A adolescência constitui-se como uma etapa de desenvolvimento complexa e peculiar em que as necessidades antagónicas dos jovens entram em conflito. Estas refletem-se numa tentativa de afastamento das figuras de vinculação, no sentido da maturação psicológica e emocional, através da procura de autonomia e independência das figuras parentais (Nickerson & Nagle, 2005). Por outro lado, manifestam-se de igual forma pela aproximação a estas bases seguras para receber o seu apoio, segurança e proteção

perante adversidades em que o retorno ao porto de abrigo se torna crucial (Fleming, 2005; Matos & Costa, 1996). O adolescente irá assim explorar, de forma autónoma, o mundo na relação com os outros, mas seguro da disponibilidade das figuras parentais caso necessite do auxílio e proteção dos mesmos (Nickerson & Nagle, 2005).

Para Fleming (2005), este afastamento dos adolescentes em relação aos pais, e progressiva conquista de autonomia não se traduz numa desvinculação da família, mas sim num período de transição da infância para a adultícia, na reformulação e reestruturação do vínculo familiar, podendo estes processos serem complementares e interdependentes, e moverem-se na mesma direção. Além disso, a vinculação segura e a conectividade emocional com os pais facilita o aumento da autonomia (Geuzaine, Debry, & Liekens, 2000).

Alguns estudos demonstraram a relevância da qualidade da relação de vinculação parental no desenvolvimento para além da infância (McCarthy, Lambert, & Moller, 2006; Sampaio, 2006), na sua influência positiva com o processo psicológico de autonomia (Scharf, Maysel, & Kivenson-Baron, 2004), de maior sentimento de bem-estar (Freitas, 2013) e na promoção de novos relacionamentos (Scharf et al., 2004). Paralelamente, outros estudos, encontraram associações com os vínculos inseguros e problemáticas comportamentais interiorizadas e/ou exteriorizadas (Claes et al., 2005; Machado, 2004).

Uma outra vertente de investigações parece mostrar que, embora os filhos tendam a manter relações de vinculação concordantes com ambos os pais (Sullivan et al., 2006), a questão do género dos primeiros (Machado & Oliveira, 2007) e da figura parental parecem influenciar a qualidade das relações de vinculação (Buist, Deckovic, Meeus, & Van Aken, 2002). Contudo, esta distinção nem sempre foi corroborada empiricamente. Quando as diferenças eram de facto encontradas, estudos apontam para uma

qualidade de vinculação a ambos os pais superior nas raparigas (Fradinho, 2012), outros indicam que os rapazes, comparativamente às raparigas, relatam uma maior proximidade a ambos os pais (Bailey, Repinski, & Zook, 2002).

No que diz respeito à influência do género do progenitor, investigadores argumentam que as mães tendem a desempenhar funções de cuidadora e protetora na promoção do bem-estar e da segurança dos seus filhos. Por sua vez, os pais, considerados companheiros prediletos para as brincadeiras, apresentam interações mais cooperativas e participativas, ao satisfazer a necessidade de estimulação da criança, ao estabelecer limites, distinguindo a brincadeira da agressividade e oferecendo um leque mais alargado de alternativas perante um conflito com os pares, em contextos seguros (Booth-LaForce & Kerns, 2009). Estas diferenças, embora se complementem, fomentam diferentes reações na criança tanto em relação à mãe como em relação ao pai (Paquette, 2004).

Violência na fratria

As relações fraternas, em qualquer fase da vida, podem ser relações importantes, na medida em que, geralmente, os irmãos partilham uma história de vida e as suas interações são marcadas por uma enorme variedade e intensidade de emoções. Estas alicerçam-se numa base de reciprocidade, equidade e confiança, nas quais são vivenciadas as primeiras frustrações e a competição pelo amor dos pais se intensifica (Angel, 2004). Desta competição surgem os primeiros sentimentos de ciúme e rivalidade. Assim, os irmãos funcionam como objetos de um duplo investimento mesclado por sentimentos de amor e ódio, inveja e ciúme, camaradagem e rivalidade, dando razão a que se possa dizer que há sempre uma espécie de conflito residual entre os irmãos que vem, provavelmente, desde as primeiras experiências relacionais (Fernandes, 2002).

Como em qualquer forma de relacionamento interpessoal, podemos considerar que existem três tipos de violência entre os irmãos, nomeadamente: a violência física, a violência psicológica e a violência sexual.

A violência física ocorre quando um irmão causa deliberadamente ferimentos físicos, danos ou a morte do outro irmão. São comportamentos que a ilustram: empurrar, puxar cabelos, arranhar, beliscar, pontapear e agredir com objetos ou manusear armas. Importa salientar que se deve considerar o contexto e a periodicidade em que ocorrem estes mesmos comportamentos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

A violência psicológica inclui comportamentos de negligência, atitudes e comentários depreciativos para ridicularizar, ameaçar ou aterrorizar o irmão, ou mesmo explorar a sua propriedade pessoal. Este tipo de violência pode ganhar diversas formas: negligenciar, ridicularizar, ameaçar, aterrorizar, desvalorizar, rejeitar, degradar e explorar, bem como, destruir a propriedade pessoal de um irmão (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

A violência ou abuso sexual: podendo envolver contacto físico, coerção ou força, consta-se como um comportamento sexual para o qual a vítima não está preparada ao nível desenvolvimental, e, não é transitório nem motivado pela curiosidade própria da idade do abusador (Adler & Shutz, 1995).

Apesar da violência entre irmãos ser altamente prevalente, pais, profissionais e de uma forma geral, a própria sociedade, desculpa-na e aceita-na como fenómeno normal de rivalidade que ocorre frequente e naturalmente entre irmãos (Phillips, Phillips, Grupp, & Trigg, 2009). Pela forma trivial com que a violência fraterna é reconhecida na nossa sociedade, a investigação científica pouco se tem debruçado nesta temática. No entanto, considerando os resultados de investigações portuguesas, especificamente, o de Relva, Fernandes, Alarcão e Martins (2014) que demonstra a violência fra-

terna como altamente prevalente no início da adolescência, manifestada pela violência psicológica e física (sem sequelas), perpetrada e sofrida essencialmente por rapazes, esta temática carece de maior atenção.

Será ainda relevante realçar que diversos estudos apontam para determinados fatores de risco que poderão potencializar a ocorrência de violência fraterna. Assim, inerentes às características individuais das vítimas e dos perpetradores, fatores como a influência da diferença de idade entre a díade (Noland, Liller, Mcdermott, Coutler, & Seraphine, 2004) e do género (Eriksen & Jensen, 2006; Relva et al., 2014) poderão determinar a qualidade da relação fraterna. Para além destas características individuais, também se deverão tomar em consideração, variáveis do contexto familiar, tais como: o tratamento diferencial e a indisponibilidade das figuras parentais, a exposição de violência parental e conjugal, doenças, bem como, problemas financeiros (Relva et al., 2014).

Assim, a teoria da aprendizagem social postula que a violência física e psicológica na fratria é aprendida, por imitação e reforço, a partir de modelos gerados nas interações negativas entre pais, e entre pais e filhos (Noller, 2005). Esses comportamentos seriam, posteriormente, replicados pelos filhos em situações similares, favorecendo a transmissão intergeracional da violência na família. Nesta perspetiva, entende-se que o irmão perpetrador de violência na fratria é frequentemente caracterizado como tendo sido vítima de abuso parental ou negligência, sendo geralmente o mais velho e substituto parental (Wiehe, 1997).

Pela elevada prevalência da violência fraterna em Portugal, e a importância do contexto familiar como fator de risco para a sua ocorrência poder-se-á afirmar que se trata de uma relação que carece de maior atenção.

A vinculação parental e a violência fraterna

Segundo Romanelli (2003), a função fraterna e a função parental complementam-se, uma vez que o vínculo fraterno é mediado pelos laços que se estabelecem com as figuras parentais e pela forma como os pais se mostram disponíveis para com os filhos. Segundo este mesmo autor, muitos dos processos regulatórios que são descritos entre pais e filhos ocorrem também entre irmãos, no entanto parece haver uma diferença fundamental: as relações fraternas são recíprocas e esta reciprocidade coloca às crianças desafios únicos no que diz respeito à expressão e regulação das emoções nestas relações.

De um modo geral, a literatura sustenta a ideia de que as relações significativas desenvolvidas entre os irmãos são reflexo da qualidade dos vínculos estabelecidos com as figuras parentais (Freitas, 2013). Pelo exposto, os adolescentes que evidenciam um vínculo seguro com as figuras parentais parecem apresentar uma maior disponibilidade para a construção de relações fraternas significativas (Rocha, Mota, & Matos, 2011). Concomitantemente, adolescentes que percebem comportamentos de rejeição por parte das figuras parentais tendem a adotar comportamentos em torno da hostilidade para com os elementos da fratria (MacKinnon-Lewis, Starnes, Volling, & Johnson, 1997). Neste quadro, de acordo com Caffaro e Conn-Caffaro (1998), a ausência e a indisponibilidade dos prestadores de cuidados tendam a desencadear reações extremas e negativas nos irmãos ou, pelo contrário, podem formar fortes vinculações entre si, servindo de substitutos emocionais para os pais indisponíveis. De referir ainda, o papel regulador do favoritismo parental ou tratamento diferencial entre os filhos na relação fraterna (Brody, Stoneman, & McCoy, 1992).

Numa outra vertente empírica, investigações confirmam que na adolescência se verifica a deterioração da qualidade das relações com os pais e, da mesma forma, a

complexidade dos padrões de desenvolvimento das relações com os irmãos (Buist et al., 2002).

A revisão da literatura no âmbito da qualidade da vinculação aos pais *versus* relações entre irmãos é escassa. Por outro lado, considerando os quatro subsistemas descritos por Alarcão (1999) que compõem a organização familiar, nomeadamente o subsistema individual, conjugal, parental e fraterno, é notória uma inclinação preferencial do quadro científico por investigações no âmbito dos três primeiros subsistemas. A mesma tendência verifica-se na investigação em torno do fenómeno da violência no seio familiar, que apesar de estar cada vez mais presente nos microssistemas sociais contemporâneos, apresenta grande destaque para o estudo do mau trato infantil e de idosos e da violência conjugal, menosprezando, mais uma vez, o contexto fraterno. De sublinhar que a negligência empírica da compreensão da violência fraterna parece contribuir para a sua ocorrência e manutenção (Relva et al., 2014).

Partindo do pressuposto que a segurança transmitida na relação entre pais e filhos promoverá interações positivas com os outros, nomeadamente nas relações fraternas (Dessen & Polonia, 2007), poder-se-ia prever que uma vinculação negativa ou insegura com os pais levaria a comportamentos negativos com os irmãos, até mesmo à violência na fratria.

Perante o que foi descrito anteriormente, este trabalho visa atenuar as lacunas na literatura acerca da predição da vinculação às figuras parentais na qualidade da relação entre irmãos, nomeadamente, na ocorrência de violência nas díades fraternas. Adicionalmente, pretendemos colocar um enfoque na existência de diferenças entre dois grupos (seguros e inseguros) nos laços vinculativos à mãe e ao pai na relação com os irmãos.

Método

Participantes

A amostra deste estudo (Tabela 1) compreendeu 200 jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos ($M = 13.53$; $DP = 1.06$), dos quais 35% ($n = 70$) eram do sexo masculino e os restantes 65% ($n = 130$) do sexo feminino ($Mo = 1$). No que concerne ao ano de escolaridade, 45.5% da amostra frequentava o 7.º ano ($n = 91$), 40.5% frequentava o 8.º ano ($n = 81$) e 14% ($n = 28$) o 9.º ano de escolaridade. Relativamente à configuração familiar, 91.5% dos jovens em estudo ($n = 183$) provêm de famílias cujos progenitores estão casados ou em união de facto enquanto os restantes 8.5% ($n = 17$) são oriundos de famílias separadas ou divorciadas. Quanto à composição do agregado familiar, 87.5% ($n = 175$) dos inquiridos referem que vivem com o pai biológico ou o seu substituto, 99% ($n = 198$) com a figura materna (biológica ou substituta) e 96% ($n = 192$) com irmãos, sejam eles biológicos, meios-irmãos ou irmãos por parentesco. No que diz respeito às figuras parentais, os pais dos adolescentes apresentavam idades compreendidas entre os 34 e os 66 anos ($M = 44.85$; $DP = 5.88$), e as mães, idades compreendidas entre os 30 e os 59 anos ($M = 42.47$; $DP = 5.72$). Por sua vez, a idade média do irmão ou irmã a que os participantes se referem no presente estudo é de 14 anos aproximadamente ($DP = 7.14$). Relativamente ao número de irmãos, verifica-se que 88% da amostra tinha um ou dois irmãos de sangue ($n = 176$) e 3.5% ($n = 7$) três ou mais. Por outro lado, 12.5% ($n = 25$) dos sujeitos tinham um ou mais meio-irmão e 1.5% ($n = 3$) um ou dois irmãos por parentesco. Quanto ao género sexual dos irmãos, 49% ($n = 98$) era do género masculino e os restantes 51% ($n = 102$) do género feminino.

Tabela 1. Caracterização da Amostra em Estudo

Género		
Masculino	<i>n</i> = 70	(35%)
Feminino	<i>n</i> = 130	(65%)
Idade		
11 a 16 anos		
Ano de escolaridade		
7.º ano	<i>n</i> = 91	(45.5%)
8.º ano	<i>n</i> = 81	(40.5%)
9.º ano	<i>n</i> = 28	(14%)
Configuração familiar		
Progenitores casados ou união de facto	<i>n</i> = 183	(91.5%)
Famílias separadas ou pais divorciados	<i>n</i> = 17	(8.5%)
Com quem vive		
Pai biológico ou substituto	<i>n</i> = 175	(87.5%)
Mãe biológica ou substituta	<i>n</i> = 198	(99%)
Irmãos (biológicos, meio-irmãos ou por parentesco)	<i>n</i> = 192	(96%)
Idade da figura paterna		
34 aos 66 anos		
Idade da figura materna		
30 aos 59 anos		
Idade do irmão/ irmã que compõe a díade em estudo		
1 aos 31 anos		
Número de irmãos / irmãs		
1 ou 2 irmãos biológicos	<i>n</i> = 176	(88%)
3 ou mais irmãos biológicos	<i>n</i> = 7	(3.5%)
1 ou 2 meio irmão	<i>n</i> = 25	(12.5%)
1 ou 2 irmão por parentesco	<i>n</i> = 3	(1.5%)
Género do irmão / irmã		
Masculino	<i>n</i> = 98	(49%)
Feminino	<i>n</i> = 102	(51%)

Instrumentos

O *Questionário Sociobiográfico* (adaptado do *Social Environment Questionnaire* de Toman, 1993, por Fernandes & Relva, 2013). Trata-se de um questionário de informação sociodemográfica que incide sobre características do sujeito, do seu agregado familiar e do subsistema fraternal (*vide infra* anexo 3).

O *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA; Armsden & Greenberg, 1987). É um instrumento de autoavaliação multifatorial desenvolvido no âmbito da avaliação das perceções positivas e negativas dos adolescentes em dimensões comportamentais afetivas e cognitivas das relações de vinculação estabelecidas com o pai, a mãe e os pares (amigos próximos) (Neves, 1995). Este instrumento pode ainda ser usado

como medida unifatorial de modo a classificar os sujeitos como “seguros” ou “inseguros” em relação às figuras de vinculação, permitindo deste modo observar e compreender o papel da segurança da vinculação na adolescência. Cada subescala avalia três grandes dimensões: confiança, comunicação e alienação, estando estas medidas associadas a outra de caráter geral, vinculação. A subescala confiança mede o grau de compreensão e o respeito mútuo na relação de vinculação, a subescala comunicação diz respeito à qualidade e extensão da comunicação falada na relação de vinculação e a subescala de alienação estima os sentimentos de raiva e alienação interpessoal. Cada item é cotado através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (1- *nunca ou quase nunca* à 5- *sempre ou quase sempre*). O cálculo das três dimensões é realizado através da soma dos resultados obtidos de cada item de acordo com aqueles que são de ordem direta e inversa respetivamente. O resultado total de cada escala de vinculação é feito através da soma dos valores obtidos nas subescalas confiança e comunicação e a subtração dos valores obtidos na subescala alienação (Armsden & Greenberg, 1987). De acordo com os autores da escala, o resultado obtido em cada subescala revela o que o sujeito percebe acerca da segurança emocional, que é parte integrante das relações de vinculação. Resultados acima da média significam uma vinculação segura, onde predomina a compreensão, disponibilidade e responsividade por parte das figuras de vinculação. Contrariamente, resultados inferiores à média sugerem uma relação de vinculação marcada pela insegurança, da qual fazem parte figuras de vinculação que falham ao nível da responsividade, conduzindo o adolescente a experiências negativas e de desânimo.

No presente estudo utilizou-se a adaptação portuguesa de Neves, Soares, e Silva (1999) das versões para o pai e para a mãe (*vide infra* anexos 5.1 e 5.2), que revelou ter uma boa consistência interna nas duas escalas, com *alphas de Cronbach* elevados .92 e .95 (respetivamente para as escalas da mãe e do pai).

Relativamente às qualidades psicométricas do instrumento para a amostra do presente estudo, evidenciaram-se, de igual forma, a presença de três fatores ou dimensões – à semelhança da versão original (Armsden & Greenberg, 1987) e dos resultados obtidos na versão portuguesa de Neves et al. (1999), com *alfas de Cronbach* considerados elevados, indicando uma boa consistência interna do instrumento. Assim, para a subescala que avalia a vinculação ao pai, o valor obtido para a confiança foi de .85, para a comunicação de .80 e para a alienação de .77. No tocante à vinculação à mãe, o valor observado para a confiança foi de .83, para a comunicação de .82 e para a alienação foi de .77.

As Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996). Trata-se um questionário com 78 itens já aferido para a população portuguesa (Relva, Fernandes, & Costa, 2013) (*vide infra* anexo 4) e que permite avaliar as táticas de conflito preferencialmente utilizadas no relacionamento entre irmãos. As CTS2-SP são compostas por duas escalas (perpetração e vitimização), cada uma integra cinco subescalas: negociação, agressão psicológica, agressão física sem sequelas, coerção sexual e agressão física com sequelas. Cada item é apresentado por duas questões, uma referente a um comportamento proveniente do sujeito em relação ao irmão/ irmã e outra questão relacionado com o mesmo comportamento mas proveniente do irmão/irmã e dirigido ao inquirido. A escala de resposta reflete a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo: desde o “*nunca aconteceu*” ao “*mais de 20 vezes no ano*”. Foi ainda adicionada uma última pergunta direcionada ao ato de “bater”, com o objetivo de perceber quem tinha a iniciativa, se o participante ou se o irmão a quem ele se referia. Pelas metodologias utilizadas neste estudo, não se incluiu a escala da coerção sexual de forma a garantir a fiabilidade dos resultados. A aferição portuguesa (Relva et al., 2013) evidenciou robustez psicométrica satisfa-

tória com valores de *alfa de Cronbach* que variaram entre .65 e .81 para as escalas de perpetração e de .66 a .84 para as escalas de vitimização.

No que diz respeito à qualidade psicométrica para a amostra do presente estudo, os valores de coeficientes de *alpha de Cronbach* foram de .76 e .74 na agressão psicológica, de .89 e .90 no abuso físico sem sequela, de .78 e .87 no abuso físico com sequelas, nas dimensões vitimização e perpetração respetivamente. No entanto, na subescala negociação, na escala de vitimização, o alfa foi de .70 mas na perpetração de .65, podendo refletir menos fiabilidade. Porém, de acordo com DeVellis (1991) um *alpha de Cronbach* de .60 também é aceitável desde que a interpretação dos resultados obtidos com esse instrumento seja efetuada com precaução e que se considere o contexto da estimativa do índice.

Procedimentos

A recolha de dados foi efetuada pelo método de amostragem por conveniência, em três escolas públicas, pertencentes a dois distritos no norte de Portugal. Após a obtenção da autorização formal das direções dos agrupamentos de escolas (*vide infra* anexo 1), na impossibilidade da recolha ser efetuada diretamente pela investigadora, foram dadas instruções aos diretores de turma para a administração dos protocolos. Foi ainda solicitado o consentimento informado dos encarregados de educação para a participação dos adolescentes menores (*vide infra* anexo 2). Cedida a autorização, a recolha de dados foi efetuada, em grupo, em contexto de sala de aula, com turmas selecionadas aleatoriamente, para evitar homogeneidade amostral. Os alunos foram informados acerca da confidencialidade das suas respostas e o carácter voluntário da participação dos mesmos.

Posteriormente a esta fase de recolha procedeu-se a análise estatística dos dados, para o qual se recorreu ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS -

versão 20). Excluíram-se questionários que se encontravam inadequadamente preenchidos ou incompletos, verificando-se posteriormente a existência de sujeitos com mais de 10% de *missings* por instrumento.

Seguidamente testaram-se os *alphas* de *Cronbach* para cada instrumento na totalidade e para as respectivas dimensões e caracterizaram-se as variáveis de acordo com os autores dos respectivos instrumentos, uma vez que as análises confirmatórias demonstraram resultados aceitáveis para com as essas mesmas dimensões.

Posteriormente, realizaram-se regressões múltiplas hierárquicas, pelo método *stepwise*, utilizando as dimensões do IPPA (versão pai e mãe) e o género como variáveis preditoras das variáveis dependentes das dimensões da perpetração das CST2-SP. Objetivando verificar a predição da variável género, considerou-se pertinente criar a variável *dummy*, codificando como zero, o género masculino, e um, o género feminino. Finalmente realizaram-se a análise diferencial, através do *t-test* de *student*, no sentido de averiguar a existência de diferenças com significado estatístico entre as médias de dois grupos (seguros e inseguros) nas dimensões da perpetração das CTS2-SP.

Resultados

Efeito preditor do género da qualidade da vinculação aos progenitores na violência fraterna

Predição da perpetração da negociação

Com o intuito de testar o efeito preditor do género, da vinculação ao pai e à mãe na perpetração da tática de resolução de conflito negociação, realizaram-se regressões múltiplas hierárquicas, aglomeradas em 3 blocos. Assim, no bloco 1, introduziu-se o género que explica 1.2% da variável total ($R^2 = .012$), contribuindo individualmente com 1.2% da variância modelo ($R^2 \text{ change} = .012$). No bloco 2, foi introduzida a ligação ao pai que explica 3.1% da variância total ($R^2 = .031$), com um contributo individual de 1.9% ($R^2 \text{ change} = .019$) da variância para o modelo. Relativamente ao bloco 3, com a inclusão da ligação mãe, explica 10.06% ($R^2 = .106$), contribuindo de forma individual com 7.5% ($R^2 \text{ change} = .075$) da variância para o modelo. A análise das variáveis independentes dos 3 blocos evidencia duas com um contributo significativo ($p < .05$), nomeadamente, por ordem de importância: a comunicação à mãe ($\beta = .489$) e a confiança à mãe ($\beta = -.298$) (Tabela 2).

Tabela 2. *Regressão Múltipla Hierárquica para a Perpetração da Negociação*

	<i>R2</i>	<i>R2 change</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>P</i>
Bloco 1	.012	.012				
Género (<i>dummy</i>)						
Bloco 2 – IPPA Pai	.031	.019				
Comunicação						
Confiança						
Alienação						
Bloco 3 – IPPA Mãe	.106	.075				
Comunicação			.510	.133	.489	.000
Confiança			-.320	.124	-.298	.011
Alienação						

Nota. *B*, *SE* e β para um nível de significância de $p < .05$

Bloco 1- Género;

Bloco 2- Dimensões de ligação ao pai (IPPA);

Bloco 3- Dimensões de ligação à mãe (IPPA).

Predição da perpetração de agressão psicológica

No âmbito do estudo da importância do género da ligação com o pai e da ligação com a mãe na perpetração da agressão psicológica, realizou-se uma regressão múltipla hierárquica com 3 blocos. No bloco 1, conteve o género que esclareça 1% da variância total ($R^2 = .001$), contribuindo de forma individual com 1% ($R^2\text{change} = .001$) na variância do modelo. No que toca ao bloco 2, a vinculação ao pai elucide a variância total com 8.4% ($R^2 = .084$), refletindo uma contribuição individual de 8.3% ($R^2\text{change} = .083$) na variância para o modelo. Quanto ao bloco 3, incluiu-se a ligação à mãe, a qual explica 8.8% da variância global ($R^2 = .088$), e contribui individualmente com 4% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .004$). Da exploração das variáveis independentes de cada bloco, constata-se que somente a alienação ao pai ($\beta = .193$) apresenta uma contribuição significativa ($p < .05$) (Tabela 3).

Tabela 3. *Regressão Múltipla Hierárquica para a Perpetração da Agressão Psicológica*

	<i>R²</i>	<i>R² change</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>p</i>
Bloco 1	.001	.001				
Género						
Bloco 2-IPPA Pai	.084	.083				
Comunicação						
Confiança						
Alienação			.373	.172	.193	.032
Bloco 3-IPPA Mãe	.088	.004				
Comunicação						
Confiança						
Alienação						

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$

Bloco1- Género;

Bloco 2- Dimensões de ligação ao pai (IPPA);

Bloco 3- Dimensões de ligação à mãe (IPPA).

Predição da perpetração de abuso físico sem sequelas

Tendo como finalidade apurar a relevância do género, da ligação com o pai na perpetração do abuso físico sem sequelas, foi efetuada uma análise de regressão múltipla hierárquica com 3 blocos. Neste sentido, no bloco 1, inseriu-se o género que evidencia 2% da variância total ($R^2 = .020$), com 2% ($R^2\text{change} = .020$) de contributo individu-

al na variância do modelo. No segundo bloco, a vinculação ao pai explica 1.5% ($R^2 = .150$) da variância total, retratando um contributo individual de 12.9% ($R^2\text{change} = .129$) da variância para o modelo. No que diz respeito ao bloco 3, a ligação com a mãe foi abrangida, a qual explica 16.3% da variância global ($R^2 = .163$), com uma contribuição individual de 1.3% ($R^2\text{change} = .013$) respetivamente à variância para o modelo. Ao analisar as variáveis independentes em cada bloco, averiguou-se que a alienação ao pai ($\beta = .292$) e a confiança ao pai ($\beta = .243$) ostentam uma contribuição significativa ($p < .05$) (Tabela 4).

Tabela 4. Regressão Múltipla Hierárquica para a Perpetração do Abuso Físico Sem Sequelas

	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² change	<i>B</i>	<i>SE</i>	β	<i>p</i>
Bloco 1	.020	.020				
Género						
Bloco 2 – IPPA Pai	.150	.129				
Comunicação						
Confiança			.546	.248	.243	.029
Alienação			1.025	.301	.292	.001
Bloco 3 – IPPA Mãe	.163	.013				
Comunicação						
Confiança						
Alienação						

Nota. *B*, *SE* e β para um nível de significância de $p < .05$

Bloco 1- Género;

Bloco 2- Dimensões de ligação ao pai (IPPA);

Bloco 3- Dimensões de ligação à mãe (IPPA).

Predição da perpetração de abuso físico com sequelas

Para finalizar, com o objetivo de apurar a importância do género, da ligação à mãe e da ligação ao pai do adolescente na perpetração do abuso físico com sequelas, efetuou-se uma análise de regressão múltipla hierárquica, com 3 blocos. No primeiro bloco, o género justifica 3% da variância total ($R^2 = .030$) e revela uma contribuição individual de 3% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .030$). No bloco 2, introduziu-se a ligação ao pai que explica 14.3% da variância total ($R^2 = .143$), contribuindo individualmente com 11.3% ($R^2\text{change} = .113$) da variância para o modelo. No que diz respeito ao bloco 3, constatou-se que a ligação mãe elucida 17.6% da variância total ($R^2 = .176$),

refletindo um contributo de 34% ($R^2 \text{ change} = .34$) da variância para o modelo. Explorando a importância de cada variável independente, apenas a alienação ao pai ($\beta = .327$) exibe uma contribuição considerada significativa ($p < .05$) (Tabela 5).

Tabela 5. *Regressão Múltipla Hierárquica para a Perpetração do Abuso Físico com Sequelas*

	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² change	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>B</i>	<i>p</i>
Bloco 1	.030	.030				
Género						
Bloco 2 – IPPA Pai	.143	.113				
Comunicação						
Confiança						
Alienação			.602	.156	.327	.000
Bloco 3 – IPPA Mãe	.176	.34				
Comunicação						
Confiança						
Alienação						

Nota. *B*, *SE* e β para um nível de significância de $p < .05$

Bloco 1- Género;

Bloco 2- Dimensões de ligação ao pai (IPPA);

Bloco 3- Dimensões de ligação à mãe (IPPA).

Análises diferenciais em função da qualidade de vinculação (segurança e insegurança) à mãe e ao pai

Para esta análise foi calculada a vinculação total para cada subescala, através da soma da confiança e da comunicação e diferença da alienação, a qual foi posteriormente recodificada, através do procedimento *visual binning do SPSS*, permitindo obter dois grupos: os inseguros e os seguros. Tal como é sugerido na literatura, o ponto de corte adotado foi a média da vinculação para cada subescala respetivamente. Relativamente à análise da variância das dimensões da perpetração, em função da segurança e insegurança à mãe, constatou-se, através da análise do *t test*, que existem diferenças significativas somente numa única dimensão, na perpetração de negociação com sequelas [$t(198) = -356$; $p = .022$], sendo que se denota uma média mais elevada nos sujeitos mais seguros com a figura de vinculação materna ($M = 31.83$) face aos inseguros ($M = 28.65$) (Tabela 6).

Tabela 6. *Análise Diferencial em Função da Qualidade de Vinculação (Seguro e Inseguro) com a Figura Materna na Qualidade da Relação Fraterna*

Dimensões CTS2-SP (Perpetração)	Inseguros		Seguros		T	Gl
	M	DP	M	DP		
Negociação	28.65	7.53	31.83	7.67	.356	198
Agressão psicológica	36.83	10.311	38.16	10.233	-.914	198
Abuso físico sem sequelas	70.83	19.394	75.13	17.936	-1.629	198
Abuso físico com sequelas	37.88	10.779	39.94	8.798	-1.484	198

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão * $p < .05$

Na Tabela 7, é possível constatar-se que existem diferenças significativas na dimensão da perpetração de abuso físico sem sequelas [$t(198) = -1.32$; $p = .035$], com um valor da média mais elevada nos sujeitos seguros com a figura de vinculação paterna ($M = 74.73$) em comparação com os inseguros ($M = 71.22$).

Tabela 7. *Análise Diferencial em Função da Qualidade de Vinculação (seguro e inseguro) com a Figura Paterna na Qualidade da Relação Fraterna*

Dimensões CTS2-SP (Perpetração)	Inseguros		Seguros		T	gl
	M	DP	M	DP		
Negociação	29.38	7.554	28.37	7.625	.931	198
Agressão psicológica	36.63	10.001	38.29	10.462	-1.137	198
Abuso físico sem sequelas	71.22	19.824	74.73	17.658	-1.321	198
Abuso físico com sequelas	37.66	10.404	40.08	9.157	-1.733	198

Nota: M = Média; DP = Desvio-padrão * $p < .05$

Discussão

A representação da vinculação aos pais pelas dimensões de confiança, comunicação e alienação parecem surgir como preditores significativos, com destaque na alienação, para a qualidade da relação fraterna. Estes resultados assemelham-se aos verificados por Machado e Fonseca (2009), cuja amostra foi constituída por adolescentes entre os 17 e os 18 anos, em que a alienação e a comunicação se demonstraram relevantes no desenvolvimento de problemas de internalização. Sugerem assim que sujeitos com índices mais elevados na perceção da comunicação com os pais e menores índices de sentimento de isolamento referem maior satisfação com a vida. Por outro lado, sujeitos com maiores índices de alienação e mais baixos de comunicação são os que relatam mais problemas de comportamento – como depressão, ansiedade manifesta e isolamento. Estes dados são suportados pelas interpretações referidas ao longo da revisão da literatura, de que sujeitos com um vínculo seguro às figuras parentais, no qual predomina a união e a flexibilidade, a cumplicidade e o respeito pela privacidade, a comunicação positiva e a promoção de escolhas democráticas (Henry, Robinson, Neal, & Huey, 2006), apresentam uma maior disponibilidade para a construção de relações fraternas significativas (Rocha, Mota, & Matos, 2011). Em contrapartida, uma representação insegura relativamente à disponibilidade/acessibilidade das figuras parentais, tende a repercutir-se em comportamentos em torno da hostilidade para com os elementos da fratria (MacKinnon-Lewis et al., 1997).

Predição da dimensão de comunicação à figura materna na perpetração da negociação

Perante esta perspectiva e de acordo com o que seria expectável, verifica-se que a qualidade e a extensão da comunicação na relação de vinculação com a figura materna apresenta-se como preditor da perpetração de negociação na relação com os irmãos. Este resultado é fundamentado pelo facto da figura de vinculação materna se revelar a

figura com maior disponibilidade e cedência de afeto, permitindo a interiorização de um modelo relacional que promove um maior ajustamento psicológico e influencia as interações inter e intrapessoais (Claussen & Crittenden, 2000). Assim, parece que uma comunicação de qualidade com a mãe, em que seja transmitida a equidade do amor que nutre para ambos os filhos, promovendo competências de comunicação, incluindo de escuta ativa, atenuará a conflituosidade e a rivalidade entre a fratria ao concederem experiências interpessoais de interação, pautadas pela procura de negociação face a conflitos na díade, privilegiando a comunicação como meio para resolver conflitos.

A literatura (Freitas & Mota, 2013) parece atestar os resultados presentes demonstrando a importância da vinculação desenvolvida nas figuras parentais como promotores de capacidade de resiliência e bem-estar nos adolescentes e, conseqüentemente munindo-os de ferramentas que possibilitam a resolução de problemas através da negociação, incluindo na sua relação com os irmãos.

Predição da dimensão confiança na figura materna na perpetração da negociação na relação fraterna

Uma outra constatação relevante na presente investigação diz respeito à predição da dimensão confiança na vinculação com a mãe, na qualidade de relação com o irmão, essencialmente na dimensão negociação, predizendo negativamente o mesmo. Tende em consideração que esta propriedade de vinculação mede o grau de compreensão e respeito mútuo na relação de vinculação, o resultado encontrado não vai de encontro com o preconizado na literatura uma vez que seria de esperar que a confiança contribuisse positivamente na procura de resolução de conflitos das díades, recorrendo à negociação, fomentando uma relação fraterna harmoniosa.

Tal como foi anteriormente referido na revisão da literatura, o favoritismo parental ou tratamento diferencial entre os filhos potencia conflitos na relação fraterna (Bro-

dy, Stoneman, & McCoy, 1992). Pelo exposto, poder-se-ia justificar o resultado encontrado pelo sentimento de rivalidade fraterna, pela competição pelo mesmo amor parental, o qual, face à confiança sentida pela figura materna, associada a um possível favoritismo parental ou tratamento diferencial entre os filhos, poderá fomentar uma maior dominância de um elemento da fratria para com os seus irmãos pela autovalorização que o estatuto de favoritismo lhe concede.

Por outro lado, embora estes dados infirmem a maioria da literatura encontrada, a investigação de Freitas (2013) demonstra resultados que vão no mesmo sentido, através da análise de numa amostra de 467 adolescentes, procurando avaliar a importância da vinculação com as figuras parentais e a qualidade da ligação aos irmãos no desenvolvimento do processo resiliente e bem-estar diante de acontecimento de vida significativos. Assim, os autores mostraram que os adolescentes provenientes de famílias divorciadas, que apresentam uma baixa qualidade do laço emocional à mãe, manifestam um maior suporte nos irmãos do que os de famílias intatas com baixa qualidade do laço emocional à mãe. Neste sentido, poder-se-á supor que, na amostra em estudo, com o intuito de compensar a falta de confiança percebida da primeira figura de vinculação, tendam a procurar a aproximação e o apoio dos irmãos.

Predição da dimensão confiança à figura paterna na perpetração de abuso físico sem sequelas para com o irmão

Tal como os resultados da figura materna, em que a confiança à mãe se revelou preditora, com uma variância negativa, na perpetração da negociação, a confiança com a figura paterna demonstrou ser preditora do abuso físico sem sequelas na fratria. Assim, a confiança (talvez excessiva) sentida em torno da relação com o pai poderia promover sentimentos de supremacia e dominância num irmão relativamente ao outro. Neste sentido, uma relação conflituosa com a figura paterna poderá fomentar uma maior procura

dos irmãos, revelando maior proximidade de forma a contrapor a autoridade do pai (Losso & Silvani, 2002).

Predição da alienação ao pai na agressão psicológica, no abuso físico sem sequelas e no abuso físico com sequelas na relação fraterna

No que diz respeito à predição das dimensões da vinculação com a figura paterna, os resultados parecem indicar que a alienação ao mesmo, prediz positivamente a perpetração de agressão psicológica, e de agressão sem e com sequelas na fratria. De acordo com MacKinnon-Lewis, Starnes, Volling e Johnson (1997), os adolescentes que percebem comportamentos de rejeição por parte das figuras parentais tendem a adotar comportamentos em torno da hostilidade para com os elementos da fratria. Assim, a percepção do indivíduo aos sentimentos de desprezo pelos progenitores ou substitutos, parece fomentar sentimentos de revolta e frustrações pelo amor falhado ou não retribuído, repercutindo-se no desenvolvimento da violência na fratria, possivelmente pela necessidade intrínseca de manifestar a sua revolta interior na relação com os irmãos, pelo caráter horizontal desta relação. Por outro lado, a predição encontrada poderá ser explicada pelo facto do irmão perpetrador de violência ser, frequentemente, caracterizado como tendo sido vítima de abuso parental ou negligência (Wiehe, 1997), recorrendo à violência como forma de exibir poder, em resposta ao facto deles próprios terem sido vitimizados. Também o favoritismo da figura paterna por um dos filhos poderá explicar este resultado, em que levaria, por um lado, ao sentimento de rejeição (alienação) da parte do pai e, por outro lado, à tendência para retaliar contra o irmão percebido como favorito e atuar assim como mecanismo de libertação da raiva.

Para além disso, a teoria da aprendizagem social poderá explicar esta constatação, ao postular que a violência física e psicológica entre irmãos é aprendida por imitação e reforço, a partir de modelos comportamentais que as interações negativas entre

pais e filhos fornecem. Assim, a percepção de sentimentos negativos (alienação) provenientes do pai poderá estar associada a comportamentos agressivos do mesmo, replicando, por imitação, as mesmas condutas para com os seus iguais, nomeadamente os irmãos. Pelo exposto, esta previsão poderá estar associada aos resultados encontrados no estudo de Eriksen e Jensen (2006), em que fatores ambientais no meio familiar, especificamente a educação parental agressiva, a intimidação paterna (eventualmente relacionada com a alienação) e a violência física, essencialmente da figura paterna, o efeito da punição corporal aparentemente promoverem um ambiente hostil que leva à violência fraterna.

Análises diferenciais em função da qualidade de vinculação (segurança e insegurança) à mãe e ao pai e as dimensões da perpetração das CTS2-SP

Os resultados das análises diferenciais efetuadas evidenciam uma média mais elevada nos sujeitos seguros com a figura maternal na perpetração da negociação, indo de encontro à previsão da dimensão comunicação na perpetração da negociação. A investigação e a revisão da literatura atestam estes resultados ao consentir que um vínculo seguro com as figuras parentais promovem uma maior disponibilidade para a construção de relações fraternas significativas sendo que a qualidade da ligação primordial desenvolvida com os pais lhes concede a segurança e confiança suficiente para o desenvolvimento de relacionamentos significativos (Mota & Matos, 2011).

Por sua vez, sujeitos seguros com a figura paternal apresentam médias mais elevadas na perpetração de abusos físicos sem sequelas. Apesar de contestar grande parte da literatura nesta temática, em que uma representação insegura das figuras parentais tende a levar à hostilidade para com os elementos da fratria, corrobora com o resultado encontrado relativamente à predição da dimensão da confiança na perpetração de abuso físico sem sequelas. Neste sentido, tal como referido anteriormente, uma plausível explicação para estes dados poderá relacionar-se com uma (excessiva) segurança sentida

em torno da relação com a figura paterna, o que poderá promover sentimentos de supremacia e dominância relativamente aos irmãos e levar, assim, à violência.

Numa análise mais global dos resultados encontrados destaca-se o facto de, aparentemente existir uma diferenciação quanto ao género dos progenitores ou substitutos, nomeadamente a vinculação com o pai, pautada pela alienação como preditor da violência fraterna e os laços de vinculação ajustados com a mãe (na comunicação) como fator preditor para uma relação fraterna positiva (através da negociação). Esta diferenciação foi mencionada anteriormente na revisão bibliográfica, na qual se defende que a mãe é percebida, pelos adolescentes, como mais segura, afetiva e principal confidente dos problemas íntimos e pessoais, relacionada com o desenvolvimento de relações diádicas. Por sua vez, a relação com o pai apresenta um carácter mais instrumental e privilegiada para o desenvolvimento social com terceiros (Ducharme, Doyle, & Markiewicz, 2002), podendo este aspeto justificar de certa forma, o maior impacto da influência do pai (embora negativa, pelo cariz negativo da alienação) nas relações fraternas, comparativamente à mãe. Assim, com a entrada na adolescência, a amostra em estudo poderá estar numa fase de exploração do ambiente e procura de maior independência das primeiras figuras de vinculação, direcionando assim a sua satisfação pessoal para a interação com outras figuras dentro e fora do contexto familiar e, por isso, dar primazia à relação dos pais.

Finalmente, embora não constitua objetivo de estudo, considera-se relevante mencionar que, nesta investigação, o género não demonstrou ser preditor da perpetração de violência, tal como no estudo de Duncan (1999) e de Hardy e colaboradores (2010). Neste sentido, poder-se-á refutar o género enquanto característica diferenciadora dos adolescentes e ressaltar a primazia do laço afetivo com os progenitores como efeito preditor da violência fraterna, nesta amostra.

Limitações e sugestões para futuras investigações

A nível metodológico, uma das limitações encontradas no estudo prende-se com a utilização de instrumentos de autorrelatos, aplicados em grupo, sem precaver nem controlar uma possível tendência dos sujeitos para responder de acordo com o socialmente desejado. Por outro lado, de acordo com Zimmermann (2004), subsiste uma tendência dos sujeitos com um padrão de vinculação insegura com as figuras parentais, para idealizarem-nas, fator este também não controlado pelo tipo de metodologia empregue neste estudo.

Outra desvantagem está relacionada com o facto de se ter considerado somente um dos irmãos na avaliação da relação fraterna, bem como, uma única díade, excluindo resultados que possam ocorrer com outros irmãos. Um outro fator importante prende-se com as características individuais da amostra, nomeadamente com a faixa etária da população em estudo, em que maioritariamente dos sujeitos se encontram em fase inicial da adolescência. A fundamentação empírica atesta a adolescência como uma fase de transição da infância para a adultícia, marcada pela procura de autonomia e exploração de novas figuras de vinculação fora do contexto familiar, em que se denota um certo desinvestimento das relações parentais e uma minimização das relações de vinculação. Neste sentido, a população do estudo poderá estar numa fase demasiado precoce, em que a mudança de direccionalidade das figuras de vinculação não esteja ainda bem definida. Por outro lado, é possível que outras variáveis que não foram incluídas na avaliação possam covariar com as nossas variáveis de previsão e desta forma possam ser responsáveis pelos efeitos observados. Em função das limitações encontradas, e como sugestão, apresentam-se algumas propostas de investigações que poderão contribuir para aprofundar e complementar as reflexões que foram apresentadas no presente estudo. Assim, a réplica deste estudo, numa investigação de cariz longitudinal, possibilitaria

confirmar os resultados encontrados e analisar relações causais. Variáveis do contexto familiar como o tratamento diferencial por parte dos pais, a indisponibilidade parental, a par de outras variáveis sistêmicas, nomeadamente a exposição à violência parental e conjugal, doença, carência económica, não abordadas no presente estudo, deverão ser tidas em consideração na compreensão da violência fraterna.

Em resumo, não obstante as referidas limitações metodológicas, este estudo apela à necessidade de um olhar mais atento sobre a violência na fratria, essencialmente nos fatores preditivos, como a figura parental, essencialmente o pai, procurando atenuar a sua prevalência e manutenção.

Referências

- Adler, N. A., & Schutz, J. (1995). Sibling incest offenders. *Child Abuse and Neglect*, 19(7), 811-819.
- Ainsworth, M. D. S. (1994). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parker, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Tavistock/ Routledge.
- Alarcão, M. (1999). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Angel, S. (2004). La fratrie: Des liens indestructibles. *Cahiers Critiques de Thérapie Familiale et de Pratiques de Réseaux*, 32(1), 36-48.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological wellbeing in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8(2), 133-143.
- Bailey, E., Repinski, D. J., & Zook, J. M. (2002, June). *Relationships features and strength of influence from mothers and fathers: Adolescents' grade and gender differences*. Annual Meeting of the American Psychological Society. New Orleans, L.A.
- Booth-LaForce, C., & Kerns, K. A. (2009). Child-parent attachment relationships, peer relationships, and peer functioning. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen, *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 490-502). New York: Guilford.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.

- Brody, G., Stoneman, Z., & McCoy, J. (1992). Parental differential treatment of siblings and sibling differences in negative emotionality. *Journal of Marriage and the Family*, *54*(3), 643-651.
- Buist, K. L., Dekovic, M., Meeus, W., & van Aken, M. A. (2002). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of Youth and Adolescence*, *31*(3), 167-176.
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: The Haworth Press, Inc.
- Claes, M., Lacourse, E., Ercolani, A., Pierro, A., Leone, L., & Presaghi, F. (2005). Parenting, peer orientation, drug use, and antisocial behavior in late adolescence: A cross-national study. *Journal of Youth and Adolescence*, *34*(5), 401-411.
- Claussen, A., & Crittenden, P. (2000). Maternal sensitivity. In P. Crittenden, & A. Claussen (Eds.), *The organization of attachment relationships. Maturation, culture and context* (pp. 115-124). New York: Cambridge University Press.
- Dessen, M., & Polonia, A. (2007). Família e escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, *17*(36), 21-32.
- DeVellis, R. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Ducharme, J., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2002). Attachment security with mother and father: Associations with adolescents' reports of interpersonal behavior with parents and peers. *Journal of Social and Personal Relationships*, *19*(2), 203-231. doi:10.1177/0265407502192003
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence*, *21*(8), 497-507.

- Fernandes, O. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi.
- Phillips, D., Phillips, K. Grupp, K. & Trigg, L. (2009) Sibling violence silenced: Rivalry competition, wrestling, playing roughhousing, benign. *Advances in Nursing Science*, 32(2),1-16. doi: 10.1097/ANS.0b013e3181a3b2cb.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer: Psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fradinho, J. (2012). *Estudo da qualidade da vinculação e da amizade em adolescentes isolados e retraídos e isolados e agressivos* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Freitas, C. (2013). *Divórcio, vinculação aos pais e irmãos: Desenvolvimento do processo resiliente e bem – estar psicológico* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Geuzaine, C., Debry, M., & Liesens, V. (2000). Separation from parents in late adolescence: The same for boys and girls? *Journal of Youth and Adolescence*, 29(1), 79-91.
- Henry, C., Robinson, L., Neal, E., & Huey, E. (2006). Adolescent perceptions of overall family system functioning and parental behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 15(3), 308-318.
- Losso, A. P., & Silvani, L. (2002). Narciso y Edipo en los hermanos. Función fraterna, vínculo fraterno. *Revista de Psicoanálisis*, 59(3), 739-745.
- Machado, T. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime* (pp. 291-321). Coimbra: Almedina.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: Será significativa a relação com os pais? *INFA. Revista de Psicologia/*

- International Journal of Development and Educational Psychology*, 1(3), 461-468.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: O estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, VI(1), 30, 97-116.
- MacKinnon-Lewis, C., Starnes, R., Volling, B., & Johnson, S. (1997). Perceptions of parenting as predictors of boys sibling and peer relations. *Developmental Psychology*, 33(6), 1024-1031.
- Madigan, S., Bakermans-Kranenburg, M. J., Van Ijzendoorn, M. H., Moran, G., Pederson, D. R., & Benoit, D. (2006). Unresolved states of mind, anomalous parental behaviour and disorganized attachment: A review of and meta-analysis of a transmission gap. *Attachment and Human Development*, 8(2), 89-111.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Matos, P. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes* (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto, Porto.
- Mota, C. P., & Matos, P. M., (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Revista Análise Psicológica*, 2(29), 185-200.
- McCarthy, C., Lambert, R., & Moller, N. (2006). Preventive resources and emotion regulation expectancies as mediators between attachment and college students' stress outcomes. *International Journal of Stress Management*, 13(1), 1-22.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2009). Vinculação, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 317-325.

- Neves, L. (1995). *Suporte Emocional na Adolescência: A Relação com os pais e amigos em momentos de transição escolar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M.C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência - IPPA. In M.R. Simões, M. Gonçalves & L.S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (vol.2). Braga: APPORT/SHO.
- Nickerson, A., & Nagle, R. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 25(2), 223-249. doi: 10.1177/0272431604274174
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coutler, M. L. & Seraphine, A. E. (2004), “Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence?”, *American Journal of Health Behavior*, 28,13-23. doi: 10.5993/ajhb.28.s1.3
- Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships*, 12(1), 1-22.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Costa, R. (2013). Psychometric properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*, 28(6), 577-585. doi:10.1007/s10896-013-9530-0.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. Q. (2014). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-408. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 2(29), 185-200.

- Romanelli, G. (2003). Questões teóricas e metodológicas nos estudos sobre família e escola. In N. Zago, M. Carvalho, & R. Vilela (Eds.), *Itinerários de pesquisa* (pp. 245-264). Rio de Janeiro: DP & A.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar. Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Caminho Editora.
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' attachment representations and developmental tasks in emerging adulthood. *Developmental Psychology, 40*(30), 430-444.
- Silva, M., & Costa, M. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia, XVIII*(2), 9-32.
- Suldo, S., & Huebner, E. (2006). Is extremely high life satisfaction during adolescence advantageous? *Social Indicators Research, 78*, 179-203.
- Sullivan, S. J., Diener, M. L., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., McHale, J. L., & Frosch, C. A. (2006). Attachment and sensitivity in family context: The roles of parent infant gender. *Infant Child Development, 15*(4), 367-385.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*(3), 283-316.
- Toman, W. (1993). *Family constellation: Its effects on personality and social behavior*. New York: Springer.
- Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology, 88*(1), 83-101.

Artigo 2: Violência fraterna: O papel da vinculação aos pares

Sibling violence: The role of attachment to peers

Resumo

A vinculação aos pais mostra uma natural continuidade ao longo da adolescência, todavia nesta etapa da vida, evidencia-se uma forte tendência para os jovens se direcionarem de forma significativa para o grupo de pares patenteando relações interpessoais mais autônomas e independentes face aos adultos. No entanto, o papel das relações de vinculação estabelecidas com os pais e entre os irmãos, que desempenham um papel importante no desenvolvimento pessoal e social do adolescente, que se repercutirão nas relações sociais futuras não é despiciante, na medida em que as experiências em contexto familiar moldam as relações sociais com elementos fora do contexto familiar. Assim, o presente estudo teve como objetivo explorar a existência de associações entre a violência fraterna e as relações de vinculação com os pares, testando o gênero e a diferença de idade entre a fratria como variáveis moderadoras, nestas associações. A amostra compreendeu 200 jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos ($M = 13.53$; $DP = 1.06$). Os instrumentos utilizados foram: um questionário sociobiográfico, as *Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP) e o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA – versão pares). Posteriormente, procedeu-se à análise estatística dos dados, através de correlações, apresentando o *effect size* (ES) através do *eta squared* (η^2). Os resultados sugerem que a qualidade da ligação aos pares se associa à violência fraterna.

Palavras chave: vinculação aos pares, violência fraterna, idade, gênero.

Abstract

The attachment to parents is a continuous process throughout adolescence, however there is a strong tendency to young people direct significantly to the peer group, building more autonomous interpersonal relations in relation to adults. Nevertheless, the attachment established between the parents and the phratries, plays an important role in the personal and social development inasmuch that the experiences in familiar context shapes the social relationships outside the familiar context. Thus, the present study aimed to explore the association between fraternal violence and attachment relationships with peers, testing the gender and the age difference between the phratry as mediating variables in these associations. 200 adolescents and pre-adolescents, aged between 11 and 16 years old, participated in the study. Data was collected using the socio biographical questionnaire, the Revised Conflict Tactics Scales Sibling Version (CTS2-SP) and the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA – peers version). The obtained results using the correlations through the effect size (ES) using the eta squared (η^2), showed that the quality of the peers binding is linked to sibling violence.

Keywords: peers attachment, sibling violence, age, gender.

Introdução

É no contexto familiar que se processa o desenvolvimento das relações de vinculação, a partir da matriz relacional em torno da prestação de cuidados. Se a díade criança-figura parental é o seu ponto de partida desde os primeiros anos de vida, este processo desenvolvimental amplia-se e estabelece-se com outras figuras dentro da família, nomeadamente com os irmãos (Day & Padilla-Walker, 2009). Posteriormente, ao longo da adolescência, emergente à ampliação de distintos contextos de segurança alternativos para além da família, exigindo a adoção de novos padrões de relacionamento e de comportamento. Assim, e em resultado da procura de maior autonomia e independência dos jovens face às figuras parentais, a rede relacional estabelecida no seio familiar (com os pais e irmãos) amplia-se e complementa-se com outros laços afetivos medrados, entre outros, com os pares, através de um processo progressivo e mútuo de interação social (Jongenelen, Carvalho, Mendes, & Soares, 2009).

Na realidade, com a integração no sistema educativo, os jovens passam, e cada vez mais, a grande parte do tempo com os pares. O grupo de amigos passa a ter o papel de suporte na contenção de angústias, na experimentação de papéis, na vivência de certas emoções e no desenvolvimento de atitudes, valores e ideias (Alarcão, 1999). Esta proximidade traduz-se, frequentemente, na procura de apoio, conforto e partilha íntima caracterizada pela reciprocidade, convergindo para os pares, funções de base segura e protesto de separação, isto é, assumindo-se como verdadeiras relações de vinculação (Nickerson & Nagle, 2005). Deste modo, as relações seguras com os pares proporcionam o desenvolvimento da qualidade das relações sociais e afetivas, promovendo a experimentação e o aperfeiçoamento das relações e dos papéis sociais futuros (Meeus, Oosterwegwel, & Vollerbergh, 2002), e são de extrema importância para o desenvolvimento pessoal e social do adolescente (Rocha, Mota, & Matos, 2011).

Pelo exposto, é compreensível que os adolescentes que funcionam com modelos internos dinâmicos seguros são mais disponíveis e acessíveis para a procura de novas relações interpessoais em contexto familiar e extrafamiliar, apresentando-se mais sociáveis. Por seu turno, jovens inseguros nas suas relações mais próximas apresentam dificuldade em gerir as suas emoções e, conseqüentemente revelam-se mais retraídos, menos disponíveis para procurar apoio nos outros, recorrendo a estratégias de evitamento perante situações adversas (Dozier, Stovall-McCough, & Albus, 2008).

Violência Fraternal

Segundo Fernandes (2005) as relações fraternas são o contexto privilegiado de aprendizagem dos comportamentos para com os outros, nomeadamente com os pares, e nessa medida permitem moldar as relações sociais futuras. Assim, os irmãos, que constituem as primeiras relações estabelecidas entre seres similares, promovem o reconhecimento de sentimentos tanto positivos como negativos e auxiliam na gestão dessas emoções ambivalentes que irão vivenciar perante a sociedade e os relacionamentos desenvolvidos na mesma (Britto, 2002; Ripoll, Carrillo, & Castro, 2009). Os irmãos incrementam funções de cuidadores, amigos e figuras de suporte ao longo da vida (Conger, Stocker, & McGuire, 2009), proporcionam companheirismo (Turnbull & Turnbull, 2001), apoio emocional, conforto e a partilha de experiências e de afeto. Tendo um papel de base segura, os irmãos amparam-se mutuamente perante a adversidade, essencialmente, na privação e/ou défices dos cuidados parentais (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011).

No entanto, embora a dinâmica fraterna continue a exercer um papel de grande relevância na adolescência, na qual os irmãos partilham experiências, dúvidas e desabafos que têm dificuldades de partilhar com as figuras parentais (Silveira, 2002), a proximidade fraterna pode revelar-se menos assimétrica, devido, entre outros fatores, à pro-

cura de outras relações fora da família (Fernandes, 2005). Assim, as relações entre os irmãos podem ser caracterizadas, de igual forma, pelos conflitos e pela rivalidade e quando pautadas por uma interação negativa, podem favorecer a manifestação de comportamentos desajustados (Herrick & Piccus, 2005). Assim, esta complexa e duradoura relação pode ser também muito perturbadora, se pautada pela violência.

No relacionamento fraterno, a violência apresenta-se de forma prevalente sob três formas: a violência física, quando um irmão causa deliberadamente ferimentos físicos, danos ou a morte do outro irmão; a violência psicológica, que inclui comportamentos de negligência, atitudes e comentários depreciativos para ridicularizar, ameaçar ou aterrorizar o irmão, ou mesmo explorar a sua propriedade pessoal; e a violência sexual, que pode envolver contacto físico, coerção ou força, consta-se como um comportamento sexual para o qual a vítima não está preparada ao nível desenvolvimental, e, não é transitório nem motivado pela curiosidade própria da idade do abusador (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998).

Comportamentos de cariz violento desenvolvido pelos irmãos podem condicionar significativamente o comportamento destes jovens, que usufruindo de longos períodos na sua companhia, tendem a reproduzir as suas condutas, assumindo-as como suas. A imitação de comportamentos, o entusiasmo perante as atividades em conjunto e a demonstração de afeto comprovam a reciprocidade desta relação (Almeida, 2005).

A revisão empírica das relações entre irmãos debruça-se essencialmente nas componentes desta relação, nas suas repercussões no desenvolvimento individual e na influência dos irmãos nas relações sociais com terceiros (Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007). Nesta linha de ideias, a título de exemplo, o estudo de Laible (2007) mostra a vinculação (aos pais e pares – versões correspondentes do IPPA) a influir indiretamente no comportamento social dos adolescentes, pelo efeito que exerce no desenvolvimento

das competências emocionais. Por sua vez, o estudo de Costa e Mota (2012) pretendeu analisar a qualidade da ligação de adolescentes aos pares e do seu efeito preditor nas estratégias de *coping* dos jovens, numa amostra de 311 adolescentes, de ambos os géneros. Os resultados sugerem a comunicação com os pares e a confiança neles como relevantes na predição das estratégias de *coping* adaptativas. Cumulativamente Howard e Medway (2004) demonstraram que jovens com padrões de vinculação segura tendem a aumentar a comunicação com a família e reduzir o *coping* de evitamento, o recurso de estratégias de evitamento, ao passo que jovens inseguros tendem a evitar estratégias de *coping* positivas, provavelmente pela falta de confiança nos outros, por sentimentos de falta de suporte e não reconhecerem a necessidade de ajuda.

Recentemente, estudos portugueses, como o de Relva, Fernandes, Alarcão e Martins (2014) procuraram caracterizar a violência entre irmãos em Portugal e avaliar a influência das características das fratrias na severidade deste fenómeno. De uma forma geral, ao investigar a agressividade entre irmãos, fatores inerentes às características individuais das vítimas e dos perpetradores, ao contexto familiar, social e cultural devem ser tidos em consideração (Relva, Fernandes, & Alarcão, 2012). No que diz respeito à influência da diferença de idade entre a díade, continua a existir inconsistência nas evidências, em que estudos afirmam que a violência na fratria se intensifica quando os irmãos apresentam idades aproximadas (Noland, Liller, Mcdermott, Coutler, & Seraphine, 2004), ou em oposição, como Caspi (2012), afirma maior ocorrência de violência na relação entre irmãos com maior diferença de idade. No caso da diferença de idades não ser muito díspar, o elemento mais novo tende a perceber o mais velho como um companheiro de brincadeira e confidente. Outros investigadores salientam que os irmãos mais novos tendem a usar os mais velhos como modelos, imitando muitos dos seus comportamentos (Fernandes, 2005).

O gênero parece também influenciar a violência entre as fraternias. Contudo, apesar da investigação sobre violência contra irmãos tender a apoiar a crença de que a violência fraterna é iniciada pelos rapazes (Eriksen & Jensen, 2006; Krienert & Walsh, 2011), alguns estudos não evidenciam diferenças significativas entre gêneros na perpetração da violência (Button & Gealt, 2010; Hardy, Beer, Burgess, & Taylor, 2010). Recentemente, Relva e colaboradores (2014) verificaram que rapazes perpetraram significativamente mais atos de violência física do que as raparigas, mas foram também, física e sexualmente mais vitimizados. Por outro lado, as díades masculinas demonstraram níveis de violência (física e sexual) significativamente superiores aos das outras díades, confirmando a reciprocidade do fenómeno. Os resultados de Fernandes (2005) demonstraram que, na adolescência, irmãos do mesmo gênero parecem partilhar experiências e segredos comuns. Estes dados foram confirmados no estudo de Geraldês, Soares e Martins (2013) que mostraram que tendencialmente as díades de irmãos do mesmo sexo surgem como mais próximas do que díades do sexo oposto, sendo que as díades do sexo feminino são aquelas que apresentam níveis mais altos de proximidade. Não restam dúvidas quanto ao contributo de um vínculo seguro construído nas relações fraternas, no desenvolvimento de competências sociais. Segundo Fernandes et al. (2007), as relações fraternas tendem a influir de forma significativa as futuras relações (incluindo com os pares), na medida em que favorecem o desenvolvimento de competências sociais e a capacidade para resolver conflitos de forma construtiva.

Quanta à associação entre a violência fraterna e a relação com os pares, aparentemente esta parece permanecer, com efeitos a longo prazo, no sentido em que a violência fraterna estaria associada a comportamentos violentos nas relações íntimas e com os colegas na idade adulta (Simonelli, Mullis, Elliott, & Pierce, 2002).

Por outro lado, como constatado pela revisão da literatura, ainda são escassas as investigações no domínio da relação fraterna, essencialmente na violência entre esta idade, e poucas são as que se debruçam sobre uma perspectiva de vinculação dos adolescentes.

Partindo da conceção que os irmãos constituem as primeiras relações estabelecidas entre seres similares e que as relações de qualidade com os pares criam nos adolescentes sentimentos de procura e de proximidade, o objetivo do presente estudo foi aprofundar o conhecimento das relações com os pares, procurando associações com a violência nas fratrias e testar o género e a diferença de idade entre os irmãos com variáveis moderadoras.

Método

Participantes

Para o presente estudo foi constituída uma amostra por conveniência, abrangendo 200 jovens, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos perfazendo uma média de idades de 13.53 anos ($DP = 1.06$), 70 do género masculino (35%) e 130 (65%) do género feminino. Relativamente à escolaridade, 45.5 % da amostra frequentava o 7.º ano ($n = 91$), 40.5% o 8.º ano ($n = 81$) e 14% ($n = 28$) o 9.º ano de escolaridade. Do total dos inquiridos, 183 (91.5%) provinha de famílias intactas e 8.5% ($n = 17$) eram oriundos de famílias separadas ou divorciadas. Relativamente ao número de irmãos, 88% da amostra tinha um ou dois irmãos de sangue ($n = 176$) e 3.5% ($n = 7$) três ou mais. Por outro lado, 12.5% ($n = 25$) dos sujeitos tinham um ou dois meio-irmãos e 1.5% ($n = 3$) um ou dois irmãos por parentesco. Os irmãos/irmãs a que os participantes se referiram no presente estudo apresentavam idade entre 1 e os 31 anos ($M = 14$; $DP = 7.14$) e 98 (49%) indivíduos eram do género masculino e 102 (51%) do género feminino (Tabela 1).

Tabela 1. *Caraterização da Amostra em Estudo*

<hr/>		
Género		
Masculino	$n = 70$	(35%)
Feminino	$n = 130$	(65%)
<hr/>		
Idade		
11 a 16 anos		
<hr/>		
Ano de escolaridade		
7.º ano	$n = 91$	(45.5%)
8.º ano	$n = 81$	(40.5%)
9.º ano	$n = 28$	(14%)
<hr/>		
Configuração familiar		
Progenitores casados ou união facto	$n = 183$	(91.5%)
Famílias separadas ou pais divorciados	$n = 17$	(8.5%)
<hr/>		
Com quem vive		
Paí biológico ou substituto	$n = 175$	(87.5%)
Mãe biológica ou substituta	$n = 198$	(99%)
Irmãos (biológicos, meio-irmãos ou por parentesco)	$n = 192$	(96%)
<hr/>		

Idade do irmão/ irmã que compõe a díade		
1 aos 31 anos		
Número de irmãos / irmãs		
1 ou 2 irmãos biológicos	<i>n</i> = 176	(88%)
3 ou mais irmãos biológicos	<i>n</i> = 7	(3.5%)
1 ou 2 meio irmão	<i>n</i> = 25	(12.5%)
1 ou 2 irmão por parentesco	<i>n</i> = 3	(1.5%)
Gênero do irmão / irmã		
Masculino	<i>n</i> = 98	(49%)
Feminino	<i>n</i> = 102	(51%)

Instrumentos

Questionário Sociobiográfico (adaptado do *Social Enviroment Questionnaire de Toman*, 1993; adaptado por Fernandes e Relva, 2013) (*vide infra* anexo 3). Este questionário de informação sociodemográfica incide sobre características do sujeito e do seu agregado familiar, nomeadamente do subsistema fraternal.

Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA; Armsden & Greenberg, 1987). Questionário de autoavaliação multifatorial desenvolvido no âmbito da avaliação das perceções positivas e negativas dos adolescentes em dimensões comportamentais afetivas e cognitivas das relações de vinculação estabelecidas com o pai, a mãe e os pares (amigos próximos) (Neves, 1995). Este instrumento pode também ser usado como medida unifatorial de modo a classificar os sujeitos como “seguros” ou “inseguros” em relação às figuras de vinculação, permitindo deste modo observar e compreender o papel da segurança da vinculação na adolescência. Cada subescala avalia três grandes dimensões: Confiança (grau de compreensão e o respeito mútuo na relação de vinculação), Comunicação (qualidade e extensão da comunicação falada na relação de vinculação) e Alienação (estima os sentimentos de raiva e alienação interpessoal). Cada item é cotado através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, pelo que o cálculo das três dimensões é realizado através da soma dos resultados obtidos de cada item de acordo com aqueles que são de ordem direta e inversa respetivamente. O resultado total de cada es-

cala de vinculação é feito através da soma dos valores obtidos nas subescalas Confiança e Comunicação e a subtração dos valores obtidos na subescala Alienação (Armsden & Greenberg, 1987). Os resultados acima da média significam uma vinculação segura e resultados inferiores à média são reveladores de uma relação de vinculação marcada pela insegurança. No presente estudo utilizou-se a adaptação portuguesa de Neves, Soares e Silva (1999), para avaliar a vinculação com pares (*vide infra* anexo 5.3), a qual revelou-se ter uma boa consistência interna, com *alpha* de *Cronbach* elevado .93.

Relativamente às qualidades psicométricas do instrumento para a amostra do presente estudo, evidenciaram-se, de igual forma, a presença de três dimensões – à semelhança da versão original (Armsden & Greenberg, 1987) e da versão portuguesa de Neves et al. (1999), com *alphas* de *Cronbach* considerados elevados, indicando uma boa consistência interna do instrumento. Assim, o *alpha* de *Cronbach* encontrado para a confiança foi de .88, para a comunicação, de .84 e a alienação de .69.

As Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996).

Questionário com 78 itens, aferido para a população portuguesa (Relva, Fernandes, & Costa, 2013) que permite avaliar as táticas de conflito preferencialmente utilizadas no relacionamento entre irmãos (*vide infra* anexo 4). As CTS2-SP são compostas por duas escalas (perpetração e vitimização), cada uma é constituída por cinco subescalas: negociação, agressão psicológica, agressão física sem sequelas, agressão física com sequelas e coerção sexual. Cada item é apresentado por duas questões, uma referente a um comportamento proveniente do sujeito em relação ao irmão/irmã e outra questão relacionado com o mesmo comportamento mas proveniente do irmão/irmã e dirigido ao inquirido. A escala de resposta reflete a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo: desde o “*nunca aconteceu*” ao “*mais de 20 vezes no ano*”.

Foi ainda adicionada uma última pergunta direcionada ao ato de “bater”, com o objetivo de perceber quem tinha a iniciativa, o participante ou o irmão a quem se referia. Pelo método de recolha de dados utilizados no presente estudo (em grupo na sala de aula), não se incluiu a escala da coerção sexual de forma a garantir a validade dos resultados. A aferição portuguesa (Relva et al., 2013) evidenciou fiabilidade psicométrica com valores de alfa que variaram entre .65 e .81 para as escalas de perpetração e de .66 a .84 para as escalas de vitimização. No que diz respeito à qualidade psicométrica para a amostra do presente estudo, os valores dos *alphas* de *Cronbach* foram de .76 e .74 na agressão psicológica, de .89 e .90 no abuso físico sem sequela, de .78 e .87 no abuso físico com sequelas, nas escalas de vitimização e perpetração respetivamente. No entanto, na subescala negociação, na escala de vitimização, o *alpha* de *Cronbach* foi de .70 mas na perpetração de .65, podendo refletir menos fiabilidade. Porém de acordo com DeVellis (1991) um *alpha* de *Cronbach* de .60 também é aceitável desde que a interpretação dos resultados obtidos com esse instrumento seja efetuada com precaução e que se considere o contexto da estimativa do índice.

Procedimentos

A recolha de dados foi efetuada em três escolas públicas, pertencentes a dois distritos no norte de Portugal, pelo método de amostragem por conveniência. Após a obtenção da autorização formal da direção dos Agrupamentos de Escolas (anexo 1), foram dadas instruções aos diretores de turma para a administração dos protocolos, na impossibilidade da recolha ser efetuada diretamente pela investigadora. Cedido o consentimento informado dos encarregados de educação para a participação dos adolescentes menores (anexo 2), a recolha de dados foi efetuada, em grupo, em contexto de sala de aula, com turmas selecionadas aleatoriamente, para evitar homogeneidade amostral. Os

alunos foram informados acerca da confidencialidade das suas respostas e o carácter voluntário da participação dos mesmos.

Após testar os *alphas de Cronbach* para cada instrumento, em que os resultados foram descritos anteriormente, procederam-se à correlações de *Pearson*, utilizando as dimensões do IPPA (versão pares) e as escalas das CST2-SP, procurando verificar a existência de correlações que podem ser positivas, negativas ou nulas. Os resultados foram interpretados de acordo com os critérios de Cohen (1988): significância fraca ($r = .10$ a $.29$) ou ($r = -.10$ a $-.29$), moderada ($r = .30$ a $.49$) ou ($r = -.30$ a $-.49$) e forte ($r = .50$ a 1.0) ou ($r = -.50$ a -1.0).

Objetivando verificar o papel moderador do género na associação entre a qualidade da ligação aos pares e a violência fraterna através de uma MANCOVA, considerou-se pertinente criar a variável *dummy*, codificando como zero, o género masculino, e um, o género feminino. O *effect size (ES)* apresentou-se através do *eta squared (η^2)* e interpreta-se pelo seguinte critério: significativo mas fraco ($\eta^2 \leq .04$), moderado ($.04 < \eta^2 \leq .36$) e forte ($\eta^2 > .36$) (Tabachnick & Fidell, 2007).

Resultados

Correlações entre qualidade da ligação aos pares e a relação entre fratrias

Efetuarão-se correlações interescalas entre as dimensões do IPPA amigo e as subescalas das dimensões da perpetração e as da vitimização do CTS2-SP (Tabela 2). Os resultados sugerem que a maioria das subescalas e dimensões se correlacionam entre si, especificamente as subescalas correspondentes em ambas as escalas, vitimização e perpetração.

Assim, a dimensão confiança com o amigo está correlacionada negativamente e com um fraco significado com as seguintes subescalas da perpetração das CTS2-SP: perpetração da agressão psicológica ($r = -.180, p < .001$), perpetração de abuso físico sem sequelas ($r = -.253, p < .001$) e a perpetração de abuso físico com sequelas ($r = -.275, p < .001$); e correlações negativas mas com moderado significado, nas subescalas do abuso físico sem sequelas ($r = .312, p < .01$) e do abuso físico com sequelas ($r = .346, p < .01$), da escala da vitimização.

Na dimensão comunicação do IPPA - pares, evidenciaram-se correlações positivas e com fraco significado com a perpetração da negociação ($r = .149, p < .05$) e a vitimização da negociação ($r = .149, p < .05$), da vitimização do abuso físico sem sequelas ($r = .213, p < .001$) e da vitimização do abuso físico com sequelas ($r = .225, p < .001$), bem como, correlações fracamente negativas com a perpetração do abuso físico com sequelas ($r = -.148, p < .05$).

Por sua vez, a dimensão alienação do IPPA apresentou uma associação negativa e com significado moderado relativamente à perpetração agressão psicológica ($r = -.356, p < .01$), à perpetração do abuso físico sem sequelas ($r = -.432, p < .01$) e à vitimização agressão psicológica ($r = -.321, p < .01$). Adicionalmente, encontraram-se associações

positivas e com fraco significado em relação à vitimização do abuso físico sem sequelas ($r = .237, p < .01$) e a vitimização do abuso físico com sequelas ($r = .253, p < .001$).

Tabela 2. Correlações de Pearson entre as Dimensões do IPPA Pares e as Dimensões das CTS2-SP

IPPA	CTS2 – SP							
	PN	PAP	PAFS	PAFC	VN	VAP	VAFS	VAFC
CONF	.161	-.018**	.253**	-.275**	.012	.63	.312*	.346*
COM	.149*	.161	.129	-.148*	.149*	.152	.213**	.225**
ALIE	.063	-.356*	-.432*	.246	.049	-.321*	.237*	.253**

Nota: ** $p < .01$, * $p < .05$ - CTS2-SP – *Revised Conflict Tactic Scales*; PN – *Perpetração Negociação*; PAP – *Perpetração Agressão Psicológica*; PAFS – *Perpetração Abuso Físico sem Sequelas*; PAFC – *Perpetração Abuso Físico com Sequelas*; VN – *Vitimização Negociação*; VAP – *Vitimização Agressão Psicológica*; VAFS – *Vitimização Abuso Físico sem Sequelas*; VAFC – *Vitimização Abuso Físico com Sequelas*. IPPA – *Inventory of Parent and Peer Attachment* (versão amigos); CONF – *Confiança*, COM – *Comunicação* – ALIE – *Alienação*.

Papel moderador do género na associação entre qualidade da ligação aos pares e a relação entre fratrias.

Foi medido o efeito do género na associação entre as dimensões do IPPA (versão pares) e as subescalas da perpetração e da vitimização das CTS2-SP. Foi realizada para o efeito, uma categorização dos índices de segurança em relação aos pares, que permitiu obter dois níveis, mais especificamente, os seguros (≤ 15.05) e os inseguros (>15.05).

A MANCOVA revelou uma associação positiva entre a vinculação aos pares e o género, embora com uma fraca significância, na subescala da perpetração do abuso físico sem sequelas [$F(1,196) = 4.364, p < .05, \eta^2 = .022$] e a relação com significado moderado com a subescala vitimização do abuso físico com sequelas [$F(1,196) = 7.24, p < .01, \eta^2 = .036$]. Através da análise de diferenças constatou-se que os rapazes com uma relação de vinculação segura aos pares perpetraram mais abuso físico sem sequelas ($M = 18.69, DP = 19.85$), comparativamente aos rapazes inseguros com os pares e às raparigas seguras e inseguras com os pares ($M = 9.84, DP = 13.67$). Por outro lado, os sujeitos de género masculino inseguros com os pares apresentam maior tendência para a vitimização do abuso físico com sequelas ($M = 8.14, DP = 11.15$), comparativamente aos

rapazes seguros com os pares e as raparigas independentemente da sua segurança com os pares ($M = 3.32$, $DP = 6.96$).

Papel moderador da diferença de idade da fratria na associação entre qualidade da ligação aos pares e a relação fraterna

No sentido de analisar o efeito da diferença de idade nas díades de irmãos na associação da relação de vinculação com os pares e a relação fraterna, foi usada a variável de índices de segurança em relação aos pares mencionada anteriormente. Assim, criaram-se duas variáveis: a perpetração total e a vitimização total, através do cálculo da soma das respetivas subescalas (excluindo a negociação) da vitimização e da perpetração e codificou-se a escala de diferença de idade em duas categorias: diferença menor a 5 anos ($n = 98$) e diferença maior a 5 anos de idade ($n = 100$).

Os resultados indicam que a diferença de idade não assume um papel moderador na associação entre a qualidade da ligação aos pares e a violência fraterna, quer para a perpetração [$F(1,196) = 1.035$, $p > .05$, $\eta^2 = .005$], quer para a vitimização [$F(1,196) = .015$, $p > .05$, $\eta^2 = .000$].

Discussão dos resultados

Numa primeira análise, os resultados mostram correlações na maioria das subescalas de perpetração com as subescalas correspondentes á escala da vitimização. Esta correlação vai de encontro à literatura vigente, cujos resultados evidenciaram o caráter recíproco da violência fraterna (Costa, 2013; Relva et al., 2014). Esta constatação parece ser sustentada pela tendência das fratrias se imitarem mutuamente. Segundo Almeida (2005), na adolescência, uma relação fraterna caracteriza-se pela vivência de experiências comuns e o interesse pelos mesmos comportamentos parece associar-se a processos de imitação mútua na díade. Desta forma, o sujeito vitimizado por comportamentos e atitudes com um cariz violento do irmão, poderá reproduzir as mesmas condutas e tornar-se por sua vez, perpetrador. Uma outra explicação para este fenómeno poderá estar relacionada com a violência como forma de exhibir poder, como consequência dos próprios terem sido vitimizados por um irmão mais velho ou outro indivíduo fora da família (Whipple & Finton, 1995).

Quanto à dimensão confiança para com os pares, os dados parecem indicar que, a construção de uma relação com os mesmos, na qual predomina o desenvolvimento de sentimento de confiança, de compreensão e de respeito mútuo inibem a violência na relação fraterna. Estes resultados parecem estar em concordância com a literatura, cujos resultados mostram que a confiança com os pares poderá ser preditora de estratégias de *coping* adaptativas (Costa & Mota, 2012), ao passo que jovens inseguros tendem a evitar estratégias de *coping* positivas, provavelmente pela falta de confiança nos outros, por sentimentos de falta de suporte e não reconhecerem a necessidade de ajuda (Howard & Medway, 2004). Por outro lado, os resultados podem ser interpretados num sentido inverso, em que os adolescentes cuja ligação aos irmãos, sem recurso a qualquer tipo de violência, poderão ter adquirido competências de empatia que se irão refletir em senti-

mentos de confiança perante os pares. Nesta perspetiva, Houaiss (2007) sustenta que uma ligação fraterna significativa torna-se pertinente na difusão da elaboração e prática de empatia, em que o indivíduo se torna capaz de se colocar no lugar do outro, procurando compreendê-lo. Neste sentido, entende-se que os cuidados e o suporte entre irmãos favorecem o respeito mútuo na relação e funcionam como fator de inibição face ao desenvolvimento de comportamentos violentos (Conger et al., 2009; Silveira, 2002). Por outro lado, vários autores defendem que os comportamentos agressivos afetam a popularidade entre os pares (Kerestes & Milanovic, 2006). De acordo com Prinstein e Greca (2004), existe uma relação causal entre o comportamento agressivo e a rejeição dos pares, designado por “modelo causal”, no qual a rejeição dos pares contribui para o desenvolvimento de comportamento de externalização, com respostas agressivas ou impulsivas. Pelo exposto, os resultados poderão ser explicados pela amostra em estudo se caracterizar pela agressividade.

No que diz respeito à comunicação com os pares, a estatística do presente estudo, demonstra que, aparentemente, quanto mais eficaz a qualidade e a extensão da comunicação com os pares, provavelmente pelo desenvolvimento de competências sociais (Laible, 2007; Costa & Mota, 2012), mais eficaz será a capacidade de resolução de conflitos com os irmãos. Perante o exposto, o estudo de Costa e Mota (2012) sugere que a comunicação com os pares se traduz como um bom indicador de segurança, facto que é relevante na procura de estratégias de *coping* adaptativas e de suporte emocional. Neste sentido, os resultados corroboram o preconizado quanto aos padrões de vinculação segura tendem a aumentar a comunicação com a família e reduzir o recurso de estratégias de evitamento, mostrando-se mais competentes em lidar com situações stressantes, pela capacidade de procurar apoio e refletir sobre as possíveis soluções. Por sua vez, adoles-

centes inseguros mostram-se menos disponíveis para procurar apoio nos outros e utilizam estratégias de evitamento perante adversidades (Dozier et al., 2008).

A análise dos resultados permitiu também observar associações positivas com a dimensão comunicação com os pares e a subescala vitimização de abuso físico com e sem sequelas na fratria. Estes dados não se enquadram, à *priori*, nos elementos empíricos, em que sujeitos socialmente rejeitados ou vitimizados tendem a recorrer a uma comunicação com um decréscimo em quantidade, como em qualidade, autocolpabilizando-se pelos fracassos nas interações sociais com os pares (Rubin, Bowker, & Kennedy, 2009). Por outro lado, adolescentes menos agressivos apresentam maior disponibilidade emocional, mostrando-se mais predispostos a relacionarem-se com os pares, e na maior parte das vezes neles se percebe simetria nas vivências emocionais (Mota & Matos, 2010). No entanto, poder-se-á conjecturar que uma maior dominância da parte do perpetrador na díade fraterna, levaria o vitimizado a procurar conforto junto dos pares, de forma a compensar a relação horizontal no contexto familiar e, pelos problemas de internalização, considerar aceitável a comunicação estabelecida com os pares.

No que concerne a dimensão alienação na relação afetiva com os pares, observam-se associações negativas e moderadas com a perpetração e a vitimização de agressão psicológica e na perpetração do abuso físico sem sequelas. Os resultados aqui reportados, embora incongruentes com a literatura, poderão ser explicados pelo facto de estarmos face a uma amostra precoce em termos de desenvolvimento, em que se assiste à transferência do porto seguro para os pares, não estando tão dependentes emocionalmente das figuras de vinculação primárias da infância e onde recorrem a figuras extra-familiares na busca de conforto e segurança face à relação conflituosa na fratria. Neste sentido, segundo Fernandes (2005), na adolescência, a proximidade fraterna pode revelar-se menos assimétrica, facto este que pode estar ligado à procura de outras relações

fora da família. Por outro lado, os comportamentos agressivos com os irmãos poderão ainda apresentar-se numa atitude apelativa, através da qual os jovens manifestam a carência de afeto e de atenção sentida dos pais.

A dimensão alienação com os pais ainda se associa positivamente com a vitimização do abuso físico sem sequelas na relação fraterna. Segundo a literatura, as relações de qualidade com os pais criam nos adolescentes sentimentos de procura e de proximidade, relações essas que desempenham um papel importante no desenvolvimento pessoal e social do adolescente (Mota & Matos, 2010). Pelo exposto, considera-se que relações afetivas marcadas pela alienação poderão originar baixa autoestima e tendência para ser vitimizados.

Finalmente, no que diz respeito ao papel moderador do género na associação entre qualidade da ligação aos pais e a relação com os irmãos, os dados revelam que a associação entre a vinculação aos pais e o género afeta a relação na fratria. Assim, em primeira mão denota-se que a perpetração de violência foi significativamente mais comum entre os participantes masculinos, resultado que parece estar em concordância com a literatura vigente, em que os rapazes recorrem mais frequentemente à violência para resolver conflitos na fratria (Eriksen & Jensen, 2006; Hoffman, Kiecolt, & Edwards, 2005; Relva et al., 2014). Esta tendência poderá ser explicada pela força física distinta do género masculino (Simões, Matos, & Batista-Foguet, 2008) e pelo papel que lhe é atribuído nas nossas sociedades, no qual os irmãos usam a vantagem física nas suas atitudes relacionais de modo a demonstrar a sua masculinidade (Wiehe, 1997). Deste modo, percebe-se que os rapazes da nossa amostra apresentam condutas mais violentas na fratria, e pela reciprocidade deste fenómeno, também são mais vitimizados pela violência, comparativamente às raparigas.

Por outro lado, poder-se-á ainda refletir sobre o papel moderador do género na relação segura e insegura com os pares e na relação fraterna, em que os rapazes vitimizados por abusos físicos dos irmãos, tenderão a estabelecer relações de vinculação inseguras com os pares. Estudos longitudinais revelam que os adolescentes que funcionam com modelos internos dinâmicos seguros são mais populares no grupo de pares, têm um maior número de amigos que os adolescentes inseguros, demonstrando ainda maior disponibilidade para novos relacionamentos (Lieberman, Doyle, & Markiewicz, 1999), tornando-os mais adaptativos (Miljkovitch, 2004). Considerando esta perspetiva, poder-se-á supor que, inversamente, jovens com um padrão de vinculação insegura com os pares, apresentam sentimentos de insegurança e isolamento nas relações mais próximas inter e extrafamiliares, com propensão para ser vitimizados pelos outros.

Por outro lado, verificou-se também que rapazes seguros com os pares exibem maior perpetração de abuso físico sem sequelas, comparativamente às raparigas. Isto poderá estar relacionado com o facto dos rapazes da nossa amostra terem uma relação fraterna marcada pela insegurança (sem qualquer repercussão no relacionamento com os pares), refletindo-se em comportamentos violentos na fratria. Pelo exposto, poder-se-á supor que, devido a outros condicionantes que funcionaram como mecanismos protetores, independentemente de conflitos existentes na fratria, os indivíduos da amostra conseguiram estabelecer e manter relações de vinculação seguras com os pares, provavelmente para colmatar e compensar o relacionamento com os irmãos. Por outro lado, também se verifica que, maioritariamente a díade fraterna é constituída por indivíduo do mesmo género, pelo que segundo Fernandes (2005) irmãos do mesmo género apresentam relações mais conflituosas entre si na infância, tornam-se mais positivas na fase da adolescência, através da partilha de experiências e segredos.

Os resultados encontrados permitem confirmar a consistência na associação entre a qualidade de vinculação aos pares e a violência na fratria, contribuindo para o alargamento teórico da vinculação na adolescência. Adicionalmente, parece haver indicadores que mostram que a observação teórica do género enquanto variável parece ser capaz de influenciar a qualidade das relações entre os irmãos.

Embora os resultados obtidos neste estudo tenham trazido um contributo, que se considera relevante para futuras investigações, existem algumas limitações que importa referir. Assim, o seu desenho transversal não permite extrapolações de causalidade. Para além disso, uma das questões que poderia ser explorada em futuras investigações é a réplica dos resultados no âmbito da supressão e da mediação inconsistente, de forma a integrar as dimensões ou variáveis que teoricamente se apresentam como predictoras na violência fraterna, bem como, um desenho longitudinal que permita documentar a trajetória no desenvolvimento das relações de vinculação com os pares e as interações fraternas e o modo como se transpõem para as relações adultas.

Apesar de não ser pretensão do presente estudo, a generalização dos resultados, considera-se oportuna a discussão de algumas fragilidades metodológicas. A homogeneidade amostral produzida devido à restrição da recolha de dados para a conflitualidade de uma só díade fraterna (o irmão com idade mais aproximada), tendo em conta a perspetiva de apenas um dos membros da díade, exclui dados sobre violência que possam ocorrer noutras díades. Por outro lado, o facto de serem recrutados maioritariamente pré-adolescentes poderá influenciar os resultados, na medida em que aparentemente a amostragem se encontra ainda numa fase transitória.

Outra limitação deste estudo relaciona-se com os instrumentos utilizados, tendo um carácter de autorresposta e aplicado em grupo podendo influenciar os resultados pela tendência para a desejabilidade social. Estudos futuros deverão por isso implementar

metodologias que privilegiem o cruzamento de informação, complementando com outras fontes, bem como, considerar outras variáveis para além do género, como o tratamento diferencial por parte dos pais, a indisponibilidade parental a par de outras variáveis sistémicas (ex., exposição à violência parental e conjugal, doença, problemas financeiros) não abordadas no presente estudo de modo a compreender este fenómeno.

Este estudo abre caminho à investigação acerca da forma como a vinculação se expressa no contexto familiar e fora dele, particularmente no contexto da relação entre pares, possibilitando o desenvolvimento, a título de exemplo, de políticas nos contextos educativos que fomentem a criação de programas de competências sociais dentro e fora do contexto familiar. Desta forma, as lacunas existentes neste amplo domínio teórico-empírico tornam-se oportunidades únicas de desbravar o ainda vasto campo do desconhecido nesta área.

Referências

- Alarcão, M. (1999). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Almeida, A. (2005). Natureza da relação fraterna e desenvolvimento do *self*: Um estudo exploratório em crianças de idade pré-escolar (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological wellbeing in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Britto, N. (2002). *Rivalidade fraterna: O ódio e o ciúme entre irmãos*. São Paulo Agora.
- Buist, K. L., Dekovic, M., Meeus, W., & van Aken, M. G. (2002). Developmental patterns in adolescence attachment to mother, father and sibling. *Journal of Youth and Adolescence*, 31(3), 167-176. doi: 10.1023/A:1015074701280
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence*, 25(2), 131-140. doi:10.1007/s10896-009-9276-x
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: The Haworth Press, Inc. doi: 10.1521/ijgp.2014.64.3.417
- Caspi, J. (2012). *Sibling aggression: Assessment and treatment*. New York: Springer Publishing Company. doi: 10.1002/car.2290
- Cate, I. M., & Loots, G. M. P. (2000). Experiences of siblings of children with physical disabilities: An empirical investigation. *Disability and Rehabilitation: An International Multidisciplinary Journal*, 22(9), 399-408.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Conger, K. J., Stocker, C., & McGuire, S. (2009). Sibling socialization: the effects of stressful life events and experiences. In L. Kramer & K. J. Conger (Eds.), *Siblings as agents of socialization: New directions for child and adolescent development* (pp. 45-60). San Francisco: Jossey-Bass. doi: 10.1002/cd.256.
- Costa, A. (2013). *Violência na fratria, autoestima, autoeficácia e rendimento académico* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Costa, M., & Mota, C. (2012). Configuração familiar, género e coping em adolescentes: O papel dos pares. *Psicologia em Estudo* 17(4), 567-575. doi: 10.1590/S1413-73722012000400003
- Day, R. D., & Padilla-Walker, L. M. (2009). Mother and father connectedness and involvement during early adolescence. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 900-904. doi: 10.1037/a0016438
- DeVellis, R. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: Sage Publications. doi: 10.1177/014662169101500413
- Dozier, M., Stovall-McCough, C., & Albus, K. (2008). *Attachment and psychopathology in adulthood*. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 718-744). New York: Guilford Press. doi: 10.1177/0003065110368853
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence*, 21(8), 497-507. doi:10.1007/s10896-006-9048-9
- Fernandes, O. (2005). *Ser único ou ser irmão: As relações entre os irmãos nas famílias actuais*. Cruz Quebrada – Dafundo: Oficina do livro.

- Fernandes, O., Alarcão, M., & Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304. doi:10.1590/S0103-
- Geraldes, R., Soares, I., & Martins, C. (2013), Vinculação no contexto familiar: Relações entre cônjuges, entre pais e filhos e entre irmãos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 799-808. doi: 10.1590/S0102-79722013000400021
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771-787. doi: 10.1590/S0103-65642011005000031
- Hardy, M. S., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, 25(1), 65-71. doi:10.1007/s10896-009-9270-3
- Herrick, M., A., & Piccus, W. (2005). Sibling connections: The importance of nurturing sibling bonds in the foster care system. *Children and Youth Services Review*, 27(7), 845-861. doi:10.1016/j.childyouth.2004.12.013.
- Hoffman, K. I., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues*, 26(8), 1103-1130. doi: 10.1177/0192513X05277809
- Houaiss, A. (2007). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Howard, M. S., & Medway, F. J. (2004). Adolescents' attachment and coping with stress. *Psychology in the Schools*, 41(3), 391-402. doi: 10.1002/pits.10167
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2009). Vinculação na adolescência. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp99-120). Braga: Psiquilíbrios Edições
- Kerestes, G., & Milanovic, A. (2006). Relations between different types of children's aggressive behavior and sociometric status among peers of the same and oppo-

- site gender. *Scandinavian Journal of Psychology*, 47(6), 477-483. doi: 10.1111/j.1467-9450.2006.00541.x
- Krienert, J. L., & Walsh, J. A. (2011). My brother's keeper: A contemporary examination of reported sibling violence using national level data, 2000–2005. *Journal of Family Violence*, 26(5), 331-342. doi: 10.1007/s10896-011-9367-3
- Laible, D. (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence: Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, 43(5), 1185-1197. doi: 10.1016/j.paid.2007.03.010
- Lieberman, M., Doyle, A., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development*, 70(1), 203-213. doi: 10.1111/1467-8624.00015
- Meeus, W., Oosterwegel, A., & Vollebergh, W. (2002). Parental and peer attachment and identity development in adolescence. *Journal of Adolescence*, 25(1), 93-106. doi: 10.1006/jado.2001.0451
- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das representações. In Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp.45-53) tradução de E. Pestana, Lisboa: Climepsi, (ed. original, 2002, Paris: Masson).
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2(28), 245-254. doi: 10.14417/ap.278
- Neves, L. (1995). *Suporte Emocional na Adolescência: A Relação com os pais e amigos em momentos de transição escolar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Neves, L., Soares, I., & Silva, M.C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência - IPPA. In M. R. Simões, M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol.2). Braga: APPORT/SHO.
- Nickerson, A., & Nagle, R. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 25(2), 223-249. doi: 10.1177/0272431604274174
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coutler, M. L. & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health and Behavior*, 28, 13-23. doi: 10.5993/ajhb.28.s1.3
- Prinstein, M. J., & La Greca, A. M. (2004). Childhood peer rejection and aggression as predictors of adolescent girl's externalizing and health risk behaviors: A 6-year longitudinal study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72(1), 103-112. doi: 10.1037/0022-006x.72.1.103
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Interamerican Journal of Psychology*, 46(3), 375-383.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. Q. (2014). Estudo Exploratório sobre violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-408. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Relva, I. C., Fernandes, O., & Costa, R. (2013). Psychometric properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*, 28(6), 577-585. doi:10.1007/s10896-013-9530-0
- Ripoll, K., Carrillo, S., & Castro, J. (2009). Relación entre hermanos y ajuste psicológico en adolescentes: Los efectos de la calidad de la relación padres – hijos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 27(1), 125-142.

- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 2(XXIX): 185-200. doi: 10.14417/ap.47
- Rubin, K. H., Bowker, J. C., & Kennedy, A. E. (2009). Avoiding and Withdrawing from the peer group. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen, *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 303-317). New York: Guilford.
- Silveira, L. (2002). O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In A. Wagner (Org.), *Família em cena: Tramas, dramas transformações* (pp. 93-112). Petrópolis: Vozes.
- Simões, C., Matos, M., & Batista-Foguet, J. (2008). Saúde e felicidade na adolescência: factores individuais e sociais associados às percepções de saúde e de felicidade dos adolescentes portugueses. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(2), 19-38.
- Simonelli, C., Mullis, T., Elliott, A., & Pierce, T. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(2), 103-121. doi: 10.1177/0886260502017002001
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316. doi: 10.1177/019251396017003001
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5th Ed.). Boston, MA: Allyn and Bacon. doi: 10.1177/014662168400800113
- Turnbull, A., & Turnbull, H. (2001). *Families, professionals and exceptionality: Collaboration for empowerment*. Upper Saddle River, NJ: Merrill/ Prentice Hall.

Whipple, E. E., & Finton, S. E. (1995). Psychological maltreatment by siblings: An unrecognized form of abuse. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 12(2), 135-146. doi: 10.1007/BF01876209

Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage. doi:10.4135/9781452232058.n6

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A concretização deste trabalho, em torno de temáticas tão valorizadas no campo da psicologia, envolveu uma exaustiva pesquisa que culminou na aquisição de conhecimentos, realçando a importância da teoria da vinculação, com o seu caráter intemporal, contemporâneo e de relevante influência nas relações estabelecidas com os outros.

A adolescência, denominada frequentemente “fase do armário”, é reconhecida como uma etapa da vida extremamente complicada pelas inúmeras transformações biopsico-sociais que a caracterizam. As vulnerabilidades dos adolescentes são frequentemente mascaradas por comportamentos nem sempre assertivos, associados à necessidade de estabelecer relações interpessoais significativas e gratificantes.

Atualmente, as figuras parentais revelam-se cada vez mais cientes, da necessidade de responder de forma assertiva e afetiva para com os seus filhos, características que contribuem para um desenvolvimento mais promissor. O seio familiar também é geralmente composto pela presença de relações horizontais com uma maior similitude na hierarquia, nomeadamente, as relações fraternas que aprimoram as competências sociais. Contudo, a sociedade contemporânea e os deveres e obrigações profissionais são cada vez mais acrescidos e exigentes, tendo cada vez menos tempo para disponibilizar aos filhos para além do restritamente necessário para responder as suas necessidades básicas e imediatas. A literatura tem progressivamente evidenciado alguns resultados no campo da violência fraterna. Todavia, são ainda escassos os estudos que implicam uma vertente emocional e afetiva, segundo uma perspectiva de vinculação. Neste sentido, o presente trabalho pretendeu ressaltar a importância do contexto familiar e dos relacionamentos edificados no interior deste microsistema, numa primeira investigação, des-

tacando o papel da vinculação nas figuras parentais e, posteriormente, salientar a importância de relações de qualidade com os pares, na violência fraterna.

Os resultados obtidos corroboraram a maior parte das investigações nesta área, nomeadamente na relevância do estabelecimento de um vínculo seguro com as figuras parentais sustentando pela comunicação e confiança, refletindo-se na relação entre irmãos. Por outro lado, possibilitou humildemente inovar as investigações na área da violência fraterna ao procurar encontrar associações com as relações de vinculação com os pares. Pelo exposto, espera-se que este estudo contribua para atenuar os estereótipos ainda presentes na sociedade face ao caráter trivial da violência fraterna, considerado comum e, de certa maneira, normativo nas relações familiares, dando maior destaque na literatura da influência da relação com os pares, neste fenómeno social.

Finalmente e quanto às implicações práticas dos resultados encontrados na presente investigação, enquanto psicóloga educacional, fomenta a necessidade emergente de considerar as relações estabelecidas com todos os elementos da família nuclear, bem como, a relação afetiva com os pares, no âmbito de uma avaliação e intervenção ecológica e sistémica. Por outro lado, é premente averiguar a existência de fatores reveladores de violência na fratria pois estes poderão ser indicadores de violência ou negligência parental.

